

Cesar Marchesini

Entrevista com
Vanessa Barbara,
ganhadora (categoria
Romance) do
Prêmio Paraná de
Literatura 2014

Para ter na estante

A convite do **Cândido**,
20 escritores e críticos
escolhem os livros em
prosa mais importantes
da literatura brasileira
lançados nas últimas
duas décadas



EDITORIAL

Em recente entrevista ao **Cândido**, o jornalista Sérgio Augusto disse que fazer listas é um “folgado infantil (ou adolescente, como queira), uma masturbação taxonômica, inócua e inconsequente”. Ainda que dita por alguém cansado de listar livros, discos e músicas preferidas, a frase traz em si um tom passional característico de quem gosta de cultura e, por consequência, do tal “folgado”.

Ciente da repulsa e fascínio que as listas geram, o **Cândido** perguntou a 20 escritores e críticos qual o melhor livro brasileiro em prosa lançado nas duas últimas décadas. Com as devidas justificativas, acompanhadas de trechos das obras escolhidas, o resultado toma conta de parte desta 42ª edição.

Ausências certamente serão apontadas. Mas é justamente esse o objetivo — a discussão — desta enquete informal, que passa longe de qualquer método rigoroso de pesquisa. As pessoas escolhidas a votar são profissionais que acompanham a literatura brasileira contemporânea há muito tempo, algumas delas há bem mais de duas décadas. Então, mesmo que os livros aqui apresentados não sejam unânimes (nenhuma lista é, afinal), as obras selecionadas podem ser encaradas como um possível — e confiável — recorte do que aconteceu em nossa história literária recente.

Talvez a característica mais visível (e até óbvia) deste conjunto de livros, seja a presença e o retrato do território urbano. Mas muitos outros olhares são possíveis.

A edição também traz ensaio do professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Luís Bueno, sobre *Ficções*, obra publicada pelo selo Biblioteca Paraná que reúne todos os contos conhecidos de Newton Sampaio. O escritor Antônio Cescatto escreve sobre os bastidores do clássico *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. Entre os inéditos, a edição traz fragmento do romance *Operação Impensável*, de Vanessa Barbara (ganhadora do Prêmio Paraná de Literatura 2014), e poemas de Affonso Romano de Sant’Anna e José Marins.

Boa leitura.

BENETT
CARTUM



CARTA

Camarada Ruffato

O escritor mineiro Luiz Ruffato parece um antologista que sobreviveu à URSS. A desfaçatez e arrogância com que apaga, de borracha intelectual à mão, homens & obras da história da literatura paranaense é simplesmente notável. Triste personagem que deve ter feito falta ao elenco de escrevinhadores soviéticos, agora se infla de autoridade para reescrever, com impune ligeireza, a vida intelectual do Paraná na introdução ao livro *48 contos paranaenses*. Dando a nítida impressão de que caiu de paraquedas na nossa história literária, sim, “nossa história”, catarinense que sou e paranaense com meio século de produção cinematográfica, literária e poética no Paraná (ora direis!), o vezo excludente de Ruffato beira o inverossímil. Assim,

como explicar esse apetite censório do antologista ao omitir tanto a minha condição de autor na suma recém-vinda a lume, quanto a de editor, contista e crítico de cinema do suplemento literário *letras e& artes* (1959-1961), hein? Que fosse tão somente mais uma rata do infausto Ruffato, ao ignorar o conto “Os caranguejos”, ou ainda o conto “Tio Coito”, apenso ao roteiro do filme *A Guerra dos Pelados* (2008), tudo bem, eu relevaria. Mas, vamos combinar, ao persistir em dar uma de morto, desta feita quanto ao livro *Guerra do Brasil* (2010), toda uma coletânea de curtas estórias, além de acinte, soa como um premeditado e desonesto interdito ao meu estro. Assim, vejamos: *Guerra do Brasil* teve mídia e lançamento nacional, além de inestimável orelha escrita pelo premiado escritor Marcelino Freire. Portanto, camarada Ruffato, tome tento!

Sylvio Back, cineasta e escritor.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiários:

Lucas de Lavor e Thiago Lavado

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Affonso Romano de Sant’Anna, André Ducci,

Antonio Cescatto, Benett, Cesar Marchesini, José

Marins, Luís Bueno, Rafael Campos Rocha, Sérgio

Monteiro de Almeida e Vanessa Barbara.

Contato:

imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba - PR

Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h

Sábado: 8h30 às 13h Contato: (41) 3221-4900

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP

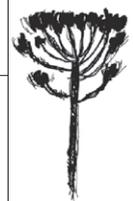
Autores paranaenses
nas Bibliotecas

A Coleção Gazeta do Povo — Literatura Paranaense, que publicou seis títulos de autores do Paraná durante os meses de novembro e dezembro de 2014, está disponível aos leitores de todas as bibliotecas públicas do Estado. No total, a Secretaria de Estado da Cultura, por meio da Biblioteca Pública do Paraná, distribuiu nove mil exemplares dos livros *Linhas órfãs*, de Miguel Sanches Neto, *Jornal da guerra contra os Taedos*, de Manoel Carlos Karam, *Pequenices*, de Domingos Pellegrini, *Ensaio e anseios cripticos*, de Paulo Leminski, *Alegres memó-*

rias de um cadáver, de Roberto Gomes e *Infinita sinfonia*, de Helena Kolody. Os estabelecimentos penais do Estado, vinculados à Secretaria da Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (SEDU), também receberam os livros, que vão ser direcionados ao Programa de Remição da Pena pelo Estudo Através da Leitura. Com uma tiragem de 420 mil exemplares — 70 mil de cada título —, estima-se que a Coleção Gazeta do Povo — Literatura Paranaense atingirá diretamente mais de 2,5 milhões de leitores, das mais diversas faixas etárias e classes sociais.

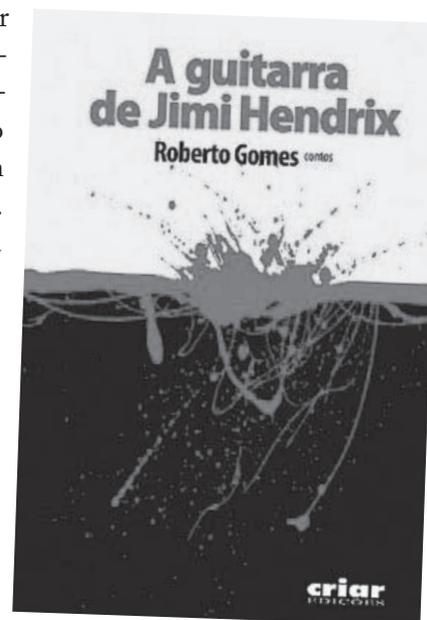
Gincana de leitura na Seção Infantil

A partir de 6 de janeiro, a Seção Infantil da Biblioteca Pública do Paraná realiza mais uma gincana de leitura. A gincana 2015 passou por modificações. Antes, as crianças liam 10 livros no período de cinco semanas, este ano a programação está dividida tematicamente: a cada semana, um novo assunto. Na primeira semana ocorre uma etapa de leituras, com resumos de livros e caça-palavras. Na sequência a programação inclui quadrinhos, poesia e música, criação e confecção de um livro e, na última semana, um teatro sobre o livro elaborado. O regulamento completo do evento estará exposto na seção infantil a partir do início de janeiro. Mais informações: (41) 3221-4980.

Notas
da
Província

O contista Roberto Gomes

Roberto Gomes acaba de publicar o seu 18.º livro: trata-se de *A guitarra de Jimi Hendrix*, com 15 contos, 12 inéditos. A obra sai com selo da Criar Edições e traz na capa um desenho de Luiz Antonio Solda. Catarinense radicado em Curitiba há 50 anos, Gomes é mais conhecido como romancista, sobretudo por causa de *Alegres memórias de um cadáver* (1979/2014) e *Júlia* (2008). *Crítica da razão tupiniquim* (1977) é um ensaio que é referência ainda hoje, quase quatro décadas após ter sido publicado. A novela *O conhecimento de Anatol Kraft* (2011) revelou trama surpreendente, texto preciso e humor irretocáveis. Mas foi com um livro de contos, *O menino que descobriu o sol* (1982), que ele conquistou um Prêmio Jabuti. Ainda nas narrativas curtas, publicou *Exercício de solidão* (1998).

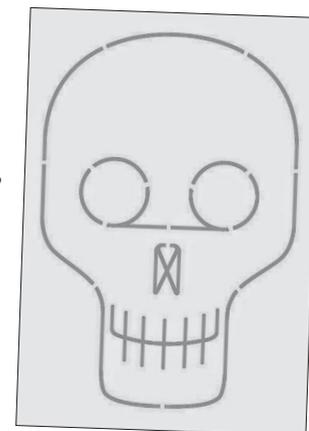


Fawcett encarecido

Dois livros importantes da bibliografia do escritor e músico carioca Fausto Fawcett estão novamente em circulação. O selo editorial curitibano Encrenca acaba de lançar o romance *Santa Clara Poltergeist*, lançado originalmente em 1990, e o livro de contos *Básico instinto*, de 1992. Os títulos estavam fora de catálogo há mais de dez anos.

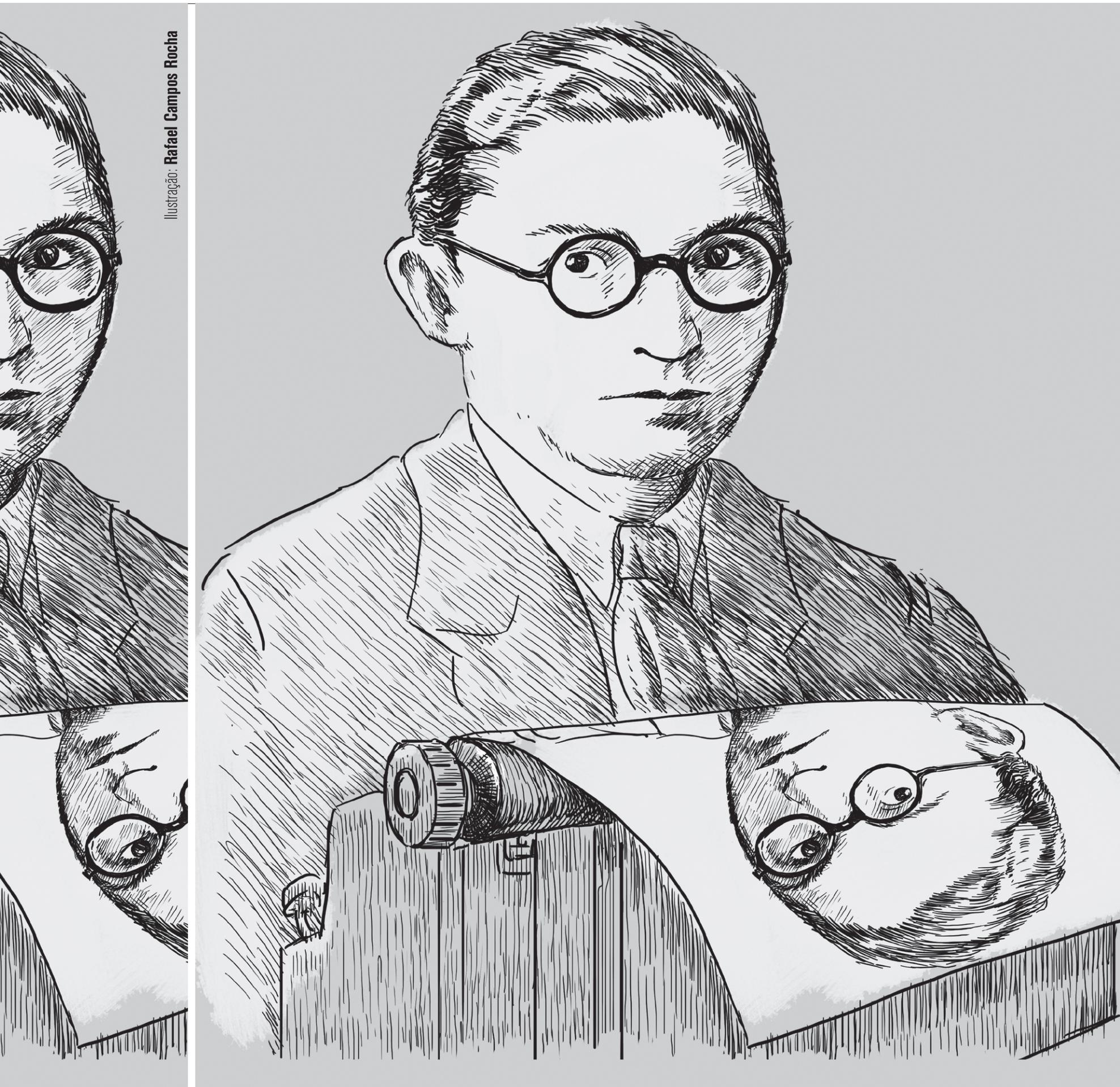
APCA pro Graça

Nem bem chegou às livrarias, a tradução para o português do romance *Infinite jest*, do americano David Foster Wallace, já ganhou prêmio. A Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) premiou o trabalho do curitibano Caetano W. Galindo, que traduziu *Graça infinita*.



ARTIGO | LUÍS BUENO

Ilustração: Rafael Campos Rocha





Newton Sampaio: contista em tempo de romance

O professor da Universidade Federal do Paraná Luís Bueno escreve sobre *Ficções*, livro lançado pelo selo Biblioteca Paraná e que reúne toda a prosa conhecida do escritor paranaense

Na década de 30, um tempo em que o romance dominou a literatura brasileira como se fosse o único gênero literário possível, Newton Sampaio dedicou-se insistentemente ao conto. Seu primeiro artigo de crítica, publicado no jornal *O Dia*, de Curitiba, já tratava, com propriedade e conhecimento de causa, de um livro de contos de um jovem paulista radicado em Curitiba, O. Emboaba. Nesse texto, aos dezenove anos, Newton Sampaio apresentava uma visão bastante clara do que seria um bom conto, além de demonstrar já àquela altura ter conhecimento consolidado sobre o conto brasileiro. Vejamos o que diz ele sobre o livro:

Sucuruju consta de 16 contos. Todos eles sertanejos. Na urdidura e nos cenários. Todos eles curtos. Rápidos. Sem o horror das descrições intermináveis. Sem o *parti-pris* de traçar psicologias. De criar tipos.

O autor tem imaginativa relativamente fácil. Sabe preparar o final de cada conto. O que, aliás, é qualidade essencial em qualquer contista. O desenrolar dos entrecchos é bem leve. Não cansa. Porque há a leveza do tema, como no conto “Um crime”, cujo final é interessante. E há também, às vezes, um traço de tragédia como na “História dos 4” e na “Maldição do além-túmulo”. A página descrita que começa “A vingança de um morto” é boa.¹

A principal característica que ele defenderá como elemento central do gênero

é a objetividade, sem descrições excessivas — o que não quer dizer que deva abrir mão das descrições, como se deduz pelo elogio final — e sem desejo de caracterizar extensamente a psicologia das personagens. As *ações* das personagens, portanto, é que devem estar no centro do conto, o ambiente e a caracterização psicológica nascendo delas ao invés de serem atribuídas.

O enredo, para ele, deve se desenvolver tendo em vista o impacto do final. O que ele defende aqui é a concepção clássica de que o conto, por ser breve, deve se concentrar num momento, num aspecto da vida, de maneira que seu desfecho venha a ser uma espécie de culminância ou revelação máxima. Valoriza, na construção desse enredo, o elemento trágico, também sem exageros, como algo a ser explorado.

Durante toda sua curta carreira — interrompida pela morte precoce em 12 de julho de 1938, antes de comple-

“ Durante toda sua curta carreira — interrompida pela morte precoce em 12 de julho de 1938, antes de completar 25 anos — Newton Sampaio se dedicaria ao conto.”

tar 25 anos — ele se dedicaria ao conto. Assim que teve oportunidade, entrevistou Marques Rebelo, escritor que, naquela altura, era o modelo de contista brasileiro e perguntou-lhe por que o conto estava em decadência, “em ane-mia”, no Brasil. A resposta foi a de que o brasileiro não tem simpatia pelo gênero já que só considera sério algo volumoso como o romance, e, pela mesma razão, o volume, andariam vazios os recitais de música de câmara e cheios as apresentações de ópera. Mas não se contentou com a explicação do mestre, já que em artigo posterior ele reafirmaria que “na atual literatura brasileira, não sobrou margem para o conto. Maupassant, se residisse ali em Botafogo, certamente morreria de fome...”². Propõe a criação de uma “cruzada nacional de educação” para recuperar o conto e lembra a explicação de Rebelo, para perguntar: “Será tão fácil assim a explicação? Tão fácil, tão simplista?”.

Se não chegou a lançar uma improvável cruzada de educação a favor do conto, tratou pelo menos de fazer a sua parte, publicando contos com regularidade. Fez também experiências em narrativas mais longas, mas, com a exceção da novela *Remorso*, foram todas interrompidas e seus capítulos muitas vezes convertidos em contos.

Neste *Ficções*, que, pela primeira vez, reúne todos os contos conhecidos de Newton Sampaio — é possível que haja outros ainda a descobrir nas revistas e jornais cariocas — essa dedicação pode ser percebida melhor do que nunca. Até mesmo os fragmentos de novela ou romance *Cria de alugado* contribuem para essa percepção ao mostrarem como é pensado como conto aquilo que deveria fazer parte de uma narrativa maior, com principalmente o cuidado em fazer tudo desembocar num final significativo: ligeiramente revistos, transfor-

“*Irmandade* é, portanto, o trabalho mais maduro do autor, e por meio de sua leitura podemos ver como evoluiu sua percepção sobre o conto em relação àquilo que ele explicitou no início de sua atividade intelectual.”

mam-se efetivamente em contos que se bastam em si. Para perceber como isso acontece, é só comparar o efeito dos capítulos de *Cria de alugado*, “Inspiração” e “Trem de subúrbio”, quando compondo a trajetória de um único personagem, Damião, e quando, lidos como contos em *Irmandade*, funcionam como narrativas independentes.

Irmandade, como todos os livros de Newton Sampaio, foi publicado postumamente, lançado em novembro de 1938, apenas quatro meses depois da morte do autor. Mas é o único de seus livros que ele planejou e finalizou, com o objetivo de concorrer a um prêmio da Academia Brasileira de Letras. Ele terminaria por ganhá-lo, ainda postumamente, em setembro de 1938 — e, como um prêmio da Academia pode deixar muita gente desconfiada, é sempre bom lembrar que um grande livro, *Viagem*, de Cecília Meireles, seria o vencedor do ano seguinte, em que o gênero contemplado foi a poesia. Em 1939 outro de seus livros seria publicado, *Contos do sertão paranaense*, trabalhos coligidos por seus amigos de Curitiba, e, muitos anos depois, em 2002, foram recolhidos em volume os contos que estavam dispersos em jornais e revistas do Paraná e do Rio de Janeiro.³

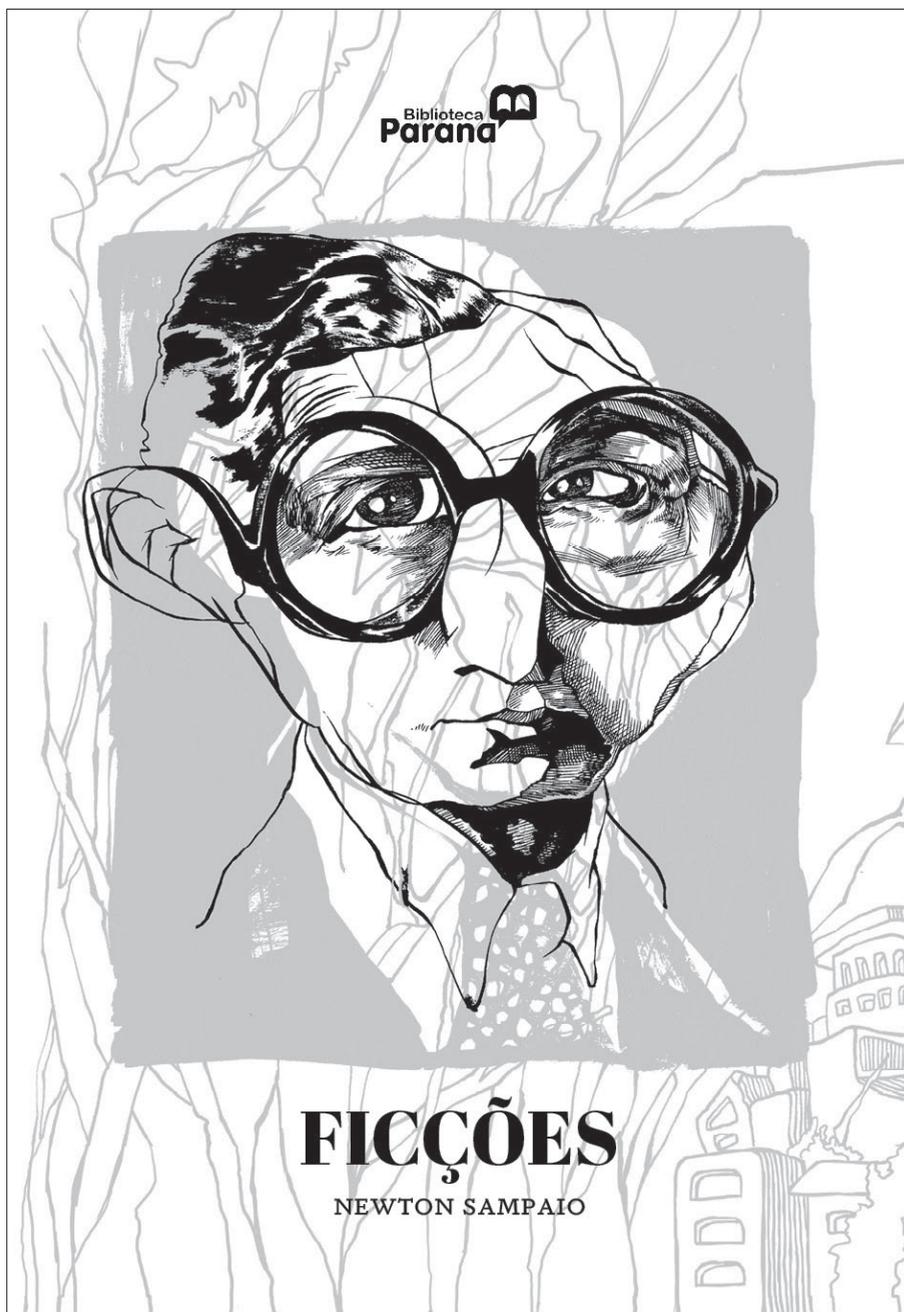
Irmandade é, portanto, o trabalho mais maduro do autor, e por meio de sua leitura podemos ver como evoluiu sua percepção sobre o conto em relação àquilo que ele explicitou no início de sua atividade intelectual. O mais importante se manteve, e é fácil perceber que a valorização da objetividade jamais seria relativizada. Se, aqui e ali, nos contos de temática regional, seguindo a tradição do gênero, ele talvez tenha se demorado um pouco nas descrições, em *Irmandade* elas estão reduzidas ao necessário.

A presença de algo que pode-

mos chamar de um elemento trágico ele também manterá, convertendo-o mesmo em marca registrada sua. Em um conto como “Caco de gente”, a tragédia se avulta, atingindo a todos, a começar pela infeliz personagem-título. Em “Seu Fidélis vai viajar” o trágico se mistura a um leve humor. Esta aliás se tornaria uma marca registrada sua, que Mário de Andrade chegou a apontar em um dos raros artigos críticos a se ocuparem, ainda que rapidamente, do escritor paranaense, ao dizer que ele era “autor de páginas tão expressivas do *humour* amargo e ridículo das coisas”⁴. Trata-se de um conto mais longo, em que também se nota o quanto Newton Sampaio reviu, na prática, parte de sua concepção inicial. Aqui, ao invés de se focar num momento especialmente dramático, o enredo percorre a vida de um homem, da infância à maturidade, até um desfecho que, sem ser impactante como ele antes havia prescrito, tem como função dar acabamento a esse clima de, por assim dizer, suave tragédia que percorre a vida de seu Fidélis.

O escritor passa a ver as possibilidades do conto para além de sua conformação mais clássica, percebe que o conto pode explorar algo menos concreto, um clima, uma sugestão. E ele exercitaria isso de maneiras diferentes. Em “Simples diálogo”, por exemplo, o que um casal de personagens conversa, coisa da mais absoluta banalidade, é capaz de fazer crescer, na mente do leitor, a sensação da tensão sexual entre aquelas duas criaturas e as frustrações do amor — em todas as criaturas. Em “Tríptico” a escrita chega a ser pungente, no acompanhamento de três destinos que não se relacionam entre si exceto pelo desencanto.

O conto “Irmandade” mostra, mais claramente que qualquer outro, esse amadurecimento do jovem escri-



tor. É, sem exagero, uma pequena obra-prima do moderno conto brasileiro. O enredo é mais sugerido do que contado. Embora o final tenha impacto, é difícil dizer que o conto se desenvolve para prepará-lo. Ele está mais a serviço da criação daquela atmosfera que Newton Sampaio foi mestre em obter, o da pequena tragédia das vidas comuns. A intimidade de uma família nos é mostrada de perto, sem que saibamos dela mais do que o mínimo para nos fazer respirar aquela atmosfera.

Antes de ler as histórias de Newton Sampaio, talvez valha a pena, conhecer uma pequena história sobre ele. História com final muito ao seu gosto, feito do humor amargo que encontramos nas pequenas tragédias da vida que ele soube tão bem criar.

Seu último artigo crítico saiu no *Diário de Notícias*, do Rio, no mesmo mês em que deixaria o Rio de Janeiro para buscar tratamento para a tuberculose na cidade da Lapa, no Paraná. Nele se observa a mesma língua afiada que se pode ver no texto final desta *Antologia*, que ficaria inédito por dez anos até aparecer na revista *Joaquim*. Aqui o alvo não são os escritores da província, mas sim os famosos, da capital, incluindo até seu ídolo Marques Rebelo:

E lamentemos, para terminar, que certos felizes cultores do moderno romance e do conto sejam tão insípidos colaborando em jornal. Percebe-se, *verbi gratia*, em lendo um trabalho avulso do sr. Marques Rebelo, que ele não tem nada a dizer fora do seu gênero, precisando comumente recorrer ao expediente do “Depoimento” para encher duas ou três laudas sem nenhum interesse...⁵

Ele se refere aos textos que Rebelo publicava quinzenalmente no influente jornal cultural *Dom Casmurro*, do qual era redator-chefe. O que não poderia saber é que, assim que *Irmandade* fosse publicado, ele próprio seria o objeto de um desses depoimentos sensaborões. O contista carioca descreve a noite em que Newton Sampaio foi entrevistá-lo em sua casa e acabou tomando café numa xícara antiga de fina porcelana de Sèvres, herança de uma tia e jamais utilizada até aquela noite. Depois disso, todas as vezes em que se encontravam, Newton perguntava: “Como vão elas?”, referindo-se às xícaras. E a resposta era a mesma todas as vezes: “Muito bem, muito obrigado. Continuas o único!”

Como tudo que diz respeito a Newton Sampaio acaba em conto, ele próprio acabaria num, já que Marques Rebelo depois de rever o texto e tirar o nome de Newton, transformando seu protagonista em um homem sem nome, publicou-o como conto, com o título “Um morto” no livro *Stella me abriu a porta*, de 1946. ■



Luís Bueno é professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná e autor de *Uma história do romance de 30*, publicado em 2006 pela Edusp e pela editora da Unicamp. Vive em Curitiba (PR).

NOTAS

1. SAMPAIO, Newton. Surucuju. In: *O Dia*. Curitiba, 14/06/1933.
2. SAMPAIO, Newton. Coqueluches da literatura moderna. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 15/08/1937.
3. Ver: SAMPAIO, Newton. Contos do sertão paranaense. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1939 e SAMPAIO, Newton. Remorso - Ficção dispersa. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.
4. ANDRADE, Mário. A Palavra em Falso. In: *Vida Literária*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993, p. 91.
5. SAMPAIO, Newton. Articulistas. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 03/04/1938.



Uma paixão portuguesa

Colaborador do músico Marcelo Camelo, o artista plástico fala sobre a influência da literatura em seu trabalho, especialmente da escritora lusitana Maria Gabriela Llansol

OMAR GODOY

Meriana Zerpelton



A palavra escrita tem um peso considerável em *Felicidade inóspita*, primeiro livro do artista plástico Biel Carpenter — paulista de Campinas radicado em Curitiba desde a infância. Lançado em 2014 por sua própria editora, batizada de Moça, o volume reúne desenhos, gravuras, aquarelas e bordados centrados na figura feminina. Mas também traz um ensaio do professor da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap) Jack Holmer e textos do músico Marcelo Camelo, de quem Biel é colaborador assíduo.

“A literatura influencia muito o meu trabalho, principalmente a poesia”, diz o artista de 31 anos, conhecido por conceber o encarte dos últimos lançamentos da carreira solo de Camelo e desenhar posteriores para bandas e cantores internacionais como Wilco, Father John Misty e Michael Kiwanuka. Sua escritora preferida é a portuguesa Maria Gabriela Llansol (1931-2008), autora de 29 livros e dona de um estilo indefinível, que mescla poesia, ensaio, ficção, memórias e diário. Mais do que isso: para Biel, Llansol é uma espécie de inspiração permanente.

“Posso dizer que é a única autora de quem li tudo o que foi publicado. E estou sempre relendo, procurando material sobre ela. Importei os livros que não saíram no Brasil. Muitos nomes de obras minhas vieram de textos dela”, revela. O artista explica que se identifica principalmente com os temas explorados pela portuguesa: o cotidiano, o tédio, a solidão. “Meu trabalho, como o dela, é quase como um

diário. A Gabriela dizia que a escrita fazia companhia para ela. Eu desenho pelo mesmo motivo.”

O cupido dessa paixão literária foi o já citado Camelo, que sentiu uma “afinidade” entre os dois e enviou para o amigo, em 2011, um envelope com textos de Llansol xerocados. Biel gostou imediatamente do material e iniciou uma corrida pelos livros da escritora, que começavam a ser editados no Brasil naquela época. Um de seus planos para o futuro é visitar a casa em que Maria Gabriela morou até o fim da vida, na cidade de Sintra. O lugar hoje funciona como um espaço cultural dedicado ao estudo, divulgação e catalogação da vasta obra deixada por ela.

Fixação llansoliana à parte, o artista plástico conta que não tem lido muita ficção nos últimos tempos (“Para acompanhar uma história, ando preferindo o cinema”). Suas leituras estão mais centradas na poesia produzida pelos próprios amigos — como o compositor local João Francisco Paes, com quem Biel mantém uma banda, a Electroveracruz — e em ensaios de pensadores como Susan Sontag e Michel de Montaigne. “Minha mulher [a fotógrafa Mariana Zarpellon] está cursando Antropologia na universidade e eu acabei me interessando bastante pela área”, afirma, mostrando “o lado dela” na estante de livros da casa.

No lado dele, há títulos de Jack Kerouac, Miguel de Cervantes, Truman Capote, Paul Auster, Henry Miller. Também chama a atenção uma pilha de romances clássicos brasileiros. Entre

eles *O Ateneu* (Raul Pompéia), *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água* (Jorge Amado), *Iracema* (José de Alencar), *O mulato* (Aloísio Azevedo). “São todos livros indicados pela escola, que eu guardo até hoje. Mas eu lia com gosto, ao contrário da maioria dos meus colegas”, diz Biel, que também foi fã do filósofo Friedrich Nietzsche na adolescência. “É meio um clichê dessa fase da vida, não? Li muita coisa do Nietzsche e de filosofia em geral, que um primo mais velho de São Paulo me apresentava. Além de gostar de ler, ele escrevia muito bem, apesar de nunca ter publicado nada.”

Segundo Biel, vários outros tios e primos são envolvidos com literatura e têm boas bibliotecas em casa — o que certamente contribuiu para o seu interesse pelo universo gráfico. “Meus pais, por exemplo, tinham várias enciclopédias, daquelas ilustradas. Eu passava horas vendo as figuras, antes de começar a gostar de quadrinhos e desenhar as minhas próprias histórias”, lembra o artista, que mais tarde se formaria em Gravura pela Embap.

Há, inclusive, um escritor consagrado na família: Ignácio de Loyola Brandão, primo de uma de suas avós. É dele o prefácio do único livro publicado pelo pai de Biel, que há anos se converteu à religião e hoje é pastor evangélico. “Saiu na década de 1980, chama-se *A tarde injusta*. Tem poemas ótimos, mas ele não gosta mais do que escreveu”, lamenta. A reportagem do **Cândido** encontrou apenas um exemplar da obra, assinada por Frederico Edson Barros, à venda na internet, no site de um sebo. ■

“A literatura influencia muito o meu trabalho, principalmente a poesia.”

“É meio um clichê dessa fase da vida, não? Li muita coisa do Nietzsche e de filosofia em geral, que um primo mais velho de São Paulo me apresentava.”

Cervantes e o falso Quixote

O escritor Antonio Cescatto recupera as pegadas de Miguel de Cervantes antes, durante e após o processo de escrita que resultou em *Dom Quixote*, considerado o primeiro romance moderno

Na batalha de Lepanto, em 1571, decisiva na luta entre o império cristão e o otomano (e, para muitos, decisiva para a história do ocidente), Miguel de Cervantes (1547-1616) era, antes de escritor, um soldado. Mesmo tendo publicado alguns poemas na juventude, era como membro da liga organizada pelo papa Pio V para conter o avanço dos inimigos que ele buscava a glória e a consagração, lutando com bravura e movido por ideais de nobreza guerreira e defesa dos princípios da cristandade.

No fragor da batalha, porém, um incidente mudou seu percurso: atingido por uma explosão causada por bala de canhão, Miguel sofreu graves ferimentos no peito e perdeu os movimentos da mão esquerda, fazendo com que, por muito tempo, Cervantes fosse conhecido como o “Manco de Lepanto”. Mais tarde, capturado na Argélia, então aliada ao

império otomano, amargou longos anos de cárcere, tornando-se líder de muitas revoltas, até ser libertado e conquistar o direito de retornar para sua Espanha.

De volta para Castelas, sua terra, o soldado sentia-se no exílio. Não haviam mais as batalhas, nem as grandes causas para se lutar. Não haviam mais otomanos para combater. Ele era um soldado, apenas, incapaz para a vida prática. Restava-lhe aquilo que sabia e pretendia fazer: escrever.

Depois de casar-se, muda para um pequeno povoado de La Mancha, local em que começa a escrever suas primeiras peças, entre as quais *Galatea*, um romance no estilo pastoral que alcança relativo sucesso.

Na época, um gênero dominava o incipiente ambiente literário: as élogas e elegias ao heroísmo, representadas pelos romances de cavalaria, praticados não só por escritores mas por potentados, reis, rainhas, gente da corte e frades, muitos e muitos frades escritores.

Com o surgimento de um romance inusitado, o *Lazarillo de Tormés*, de autor anônimo, um novo gênero, revolucionário para o período, se insinua, inspirado por um humor ácido e corrosivo, cujo alvo era a sociedade da época, seus costumes, hábitos e excentricidades.

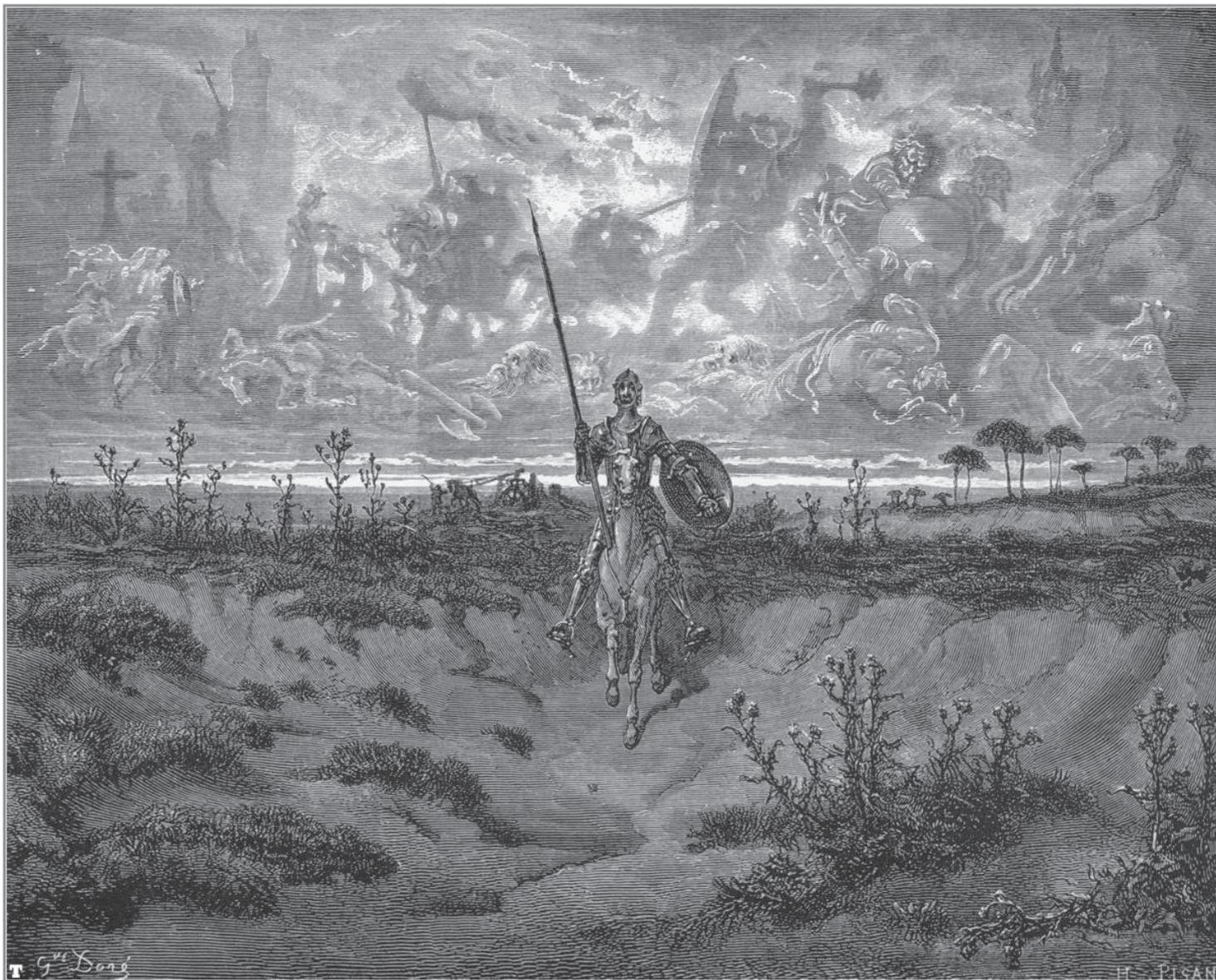
Vivendo como ex-soldado e aspirante a escritor, Don Miguel sobrevivia com dificuldades, dependendo sempre (o que o acompanharia até o fim da vida) de doações de alguns amigos nobres, admiradores da arte narrativa do escritor.

No meio dessa batalha (a verdadeira batalha, bem diferente daquela do herói-escritor, o *Mein Kampf* de que fala o extraordinário contemporâneo de Cervantes, Karl Owe Knausgaard), um novo livro começou a surgir.

Pouco a pouco, da pena do ex-soldado, começava a tomar forma um personagem que transitava entre os romances de cavalaria e o perfil picaresco de Lazarillo de Tormés. Doce e patético

Ilustrações: Reprodução Gustave Doré





ao mesmo tempo, o anti-cavaleiro era um pequeno estancieiro obcecado pela leitura desmedida dos romances de cavalaria e pelos sonhos que dela adviam. Um homem assombrado pelo sonho da razão. Pela beleza da loucura. Dom Quixote de La Mancha.

Ao redor dele, um universo multi-constelado de personagens se desenhava, do espelho invertido (Sancho Pança) à imagem projetada (Dulcineia de Toboso), passando por todo tipo de damas, cavaleiros, donos de castelos, vagabundos, em narrativas delirantes e encantadoras. Nelas, cada vez mais de-

lirante, o herói sempre perdia — mas com que graça, com que leveza e humor.

Em menos de dois anos, em 1605, a primeira parte do Quixote foi publicada. Um estrondo. Devorada por todos que podiam ter acesso à ela, a obra causou um frisson imediato na corte e na intelectualidade do reino. Todos se viram retratados nas peripécias do Cavaleiro de Triste Figura e nos personagens com os quais ele compartilhava suas estranhas e malucas aventuras. Não foram poucos os indignados, nem pouca a força com que reagiram contra a aquilo que consideravam uma infâmia.

um outro escritor, o frade teria declarado: “Esse Cervantes está mais velho que o castelo de Cervantes” (um dos mais antigos de Espanha), “E, ainda por cima, manco”.

O que era uma mentira. Miguel de Cervantes havia perdido o movimento da mão, não a mão propriamente dita. Quanto ao fato de acusá-lo de “velho”, dom Miguel foi sucinto: “Não tenho como parar o tempo. Mas, de uma coisa eu sei: com o tempo, o entendimento só cresce.”

Dito isso, decidiu escrever a segunda parte do seu Quixote, a grande obra-prima do escritor (assim como a segunda parte de *Aventuras de Tom Sawyer*, o *Huckleberry Finn* é o grande livro de americano Mark Twain, um grande quixotesco).

Não foi preciso muito tempo para que ninguém lembrasse mais das garrujices do pobre frade dominicano. Avellaneda entrou na história pela porta dos fundos e foi por ela também que saiu. Cervantes, enquanto isso, mesmo vivendo uma vida de penúria e dificuldades, só via sua glória aumentar.

Tão impressionante foi a presença e a influência do Quixote, que, depois de lançadas as duas partes — a segunda parte do romance aparece por volta de 1615, os romances de cavalaria, publicados às pencas nos últimos cem ou duzentos anos, simplesmente desapareceram de circulação. Ninguém tinha mais coragem para escrevê-los. ■

Don Miguel permaneceu indiferente a tudo. Tinha relações na corte, mas não queria depender delas. O romance era o que era, não havia o que mudar. O que ele não esperava foi a reação engendrada para combater o efeito do livro.

Quase um ano depois do surgimento da primeira parte, surgiu a segunda parte do Quixote. Dessa vez, porém, assinada por um certo Avellaneda, um frade dominicano que, tomando as dores dos injuriados, tentou transformar, à sua maneira, o personagem tão perigoso.

Interrogado sobre o seu ato, e porque havia se apropriado da obra de

“A literatura não precisa se levar tão a sério”



Vencedora do Prêmio Paraná de Literatura 2014, categoria Romance, Vanessa Barbara fala sobre a concepção de *Operação Impensável*, livro que mistura fatos históricos para falar sobre uma guerra conjugal

DA REDAÇÃO

Operação Impensável, de Vanessa Barbara, venceu o Prêmio Paraná de Literatura 2014 na categoria romance. O título é emprestado de uma operação militar e foi utilizado pela autora para retratar, e definir, uma relação amorosa que vai se transformar em uma guerra conjugal. A autora, nascida em São Paulo em 1982, conta que escreveu a longa narrativa, que apresenta os personagens Lia e Tito, durante dois anos. “Operação Impensável tem uma linguagem mais pessoal, íntima. É um romance tão delicado que não quis enviá-lo para publicação pelos caminhos normais — decidi inscrevê-lo num concurso para ver se ele resistia à avaliação de desconhecidos”, diz a escritora que conquistou o Prêmio Jabuti de reportagem em 2008 com *O livro amarelo do terminal* e é colunista do *International New York Times* e de *O Estado de S. Paulo*.

Em entrevista ao *Cândido*, Vanessa comenta que *Operação Impensável*, a exemplo de *O livro amarelo do terminal*, é uma obra que dialoga com a multiplicidade de referências do mundo contemporâneo, repleto de sons, ruídos e novas plataformas de informação. “Gosto de incorporar esse ‘ruído’ ao texto e me valer de referências de múltiplas áreas, sem me ater ao restritamente literário. O resultado fica parecendo um caderno de colagens, um álbum trágico de casamento”, afirma a escritora, que acumula no currículo o romance *Noites de alface* (2013) e a coletânea de crônicas *O louco de palestra* (2014) — em 2012, fez parte da edição especial da revista *Granta*, que escolheu os 20 Melhores Jovens Escritores Brasileiros.



Kraw Penas

O título do seu livro é o nome de uma operação militar e o romance traz em um dos planos uma relação amorosa que se torna uma guerra conjugal. Como foi a concepção de *Operação impensável*? Levou quanto tempo para ser escrito? Você dialoga com outros livros (caso sim, quais?) ou encontrou a matéria-prima na realidade?

Levei aproximadamente dois anos para escrevê-lo, mas de forma errática, alternando com os trabalhos cotidianos de crônicas e reportagens. O livro é muito fragmentado e encontra inspiração nas obras citadas e em elementos reais de histórias vividas ou ouvidas. Algumas das obras de referência foram *A handful of dust*, de Evelyn Waugh, *Heartburn*, de Nora Ephron, *O grande Gatsby*, de Fitzgerald, *Nada a dizer*, da Elvira Vigna, entre outros.

Em *Operação impensável* há menção a programas de televisão, o texto também incorpora recursos como troca de e-mails, comentários sobre filmes e notas que abrem espaço para trechos ou citações de livros. Essa multiplicidade de referências é uma maneira de dialogar com o mundo contemporâneo, repleto de sons, ruídos e novas plataformas de informação?

Sim. Como em *O livro amarelo do terminal*, gosto de incorporar esse “ruído” ao texto e me valer de referências de múltiplas áreas, sem me ater ao estritamente literário. O resultado fica parecendo um caderno de colagens, um álbum trágico de casamento.

O par romântico ou, então, a dupla de personagens centrais, Lia e Tito, pode ser, em alguma medida, definida como um casal de nerds. Eles conhecem, de fato, alguns nichos culturais, apreciam cinema por exemplo. Mas não são, necessariamente, adultos: parecem, ao contrário, infantilizados.

Ao criar esses personagens, que no livro não transam, você fez uma crítica à realidade brasileira, na qual há um retardamento da fase adulta e não poucas pessoas seguem por muitos anos insistindo em uma permanente adolescência, falando “patati-patata” e “mep-mep”, entre outras expressões usadas por Lia e Tito?

Não. E não acho que eles sejam infantilizados. Como todos os casais, ao longo dos anos, eles vão adquirindo um universo de referências em comum que os isola num mundo particular. A ausência de sexo na primeira parte é quase uma delicadeza narrativa, se comparada à violência a que Lia é submetida na segunda e terceira partes. Na primeira parte temos discrição e intimidade (daí a omissão: a vida sexual de Lia e Tito é uma coisa só deles), depois vemos uma escalada de exposição e opressão.

Além da narrativa fluente e bem estruturada, *Operação impensável* tem como característica o humor. Você considera o humor uma de suas marcas mais evidentes, literariamente falando?

Sim, meu olhar sofre de uma espécie de erro de paralaxe — nunca se concentra nas coisas realmente centrais, mas nos elementos que estão fora do enquadramento e fora de foco. Isso serve para os meus trabalhos jornalísticos e também para os literários. (Provavelmente se eu fosse marceneira, meus móveis também seriam muito engraçados.) Não acho que a literatura precise necessariamente se levar tão a sério o tempo todo.

Você é colunista do *International New York Times* e de *O Estado de S. Paulo*. Como divide o tempo e a energia para o jornalismo e para a ficção? Em seu cotidiano, há tempo e rotina diferenciados para cada modalidade de escrita?



Não, vou misturando tudo e variando os estilos. Gosto de mudar de gêneros no mesmo dia, assim como gosto de poder me dedicar semanas a fio a um projeto só.

Você é uma autora reconhecida com prêmio Jabuti de reportagem, em 2008, pela obra *O livro amarelo do terminal*. Em 2012, foi escolhida pela revista *Granta* na edição 20 Melhores Jovens Escritores Brasileiros. E agora: o que representa vencer o Prêmio Paraná de Literatura 2014 na categoria romance? O que isso muda e já mudou em sua vida?

Já fui parada na rua três vezes para receber congratulações de mandaquinsenses por causa do Prêmio Paraná. Isso nunca me aconteceu. Só o que eu quero nesta vida é receber um dia um cheque gigante e tentar descontá-lo na minha agência do Alto de Santana.

Comparando com os seus livros anteriores, por exemplo o romance *Noites de alface* (2013) e mesmo a coletânea de crônicas *O louco de palestra* (2014), qual o diferencial de *Operação impensável*? O que este livro tem que as suas outras obras não apresentavam?

Operação impensável tem uma linguagem mais pessoal, íntima. É um romance tão delicado que não quis enviá-lo para publicação pelos caminhos normais — decidi inscrevê-lo num concurso para ver se ele resistia à avaliação de desconhecidos. Esse livro é como uma pessoa magra demais tentando caminhar no meio de uma tempestade de vento — a Lia é uma heroína forte que a todo tempo parece prestes a se esfarelar. Mas não esfarela. Pelo contrário, sai da narrativa milhões de vezes mais forte do que entrou. ■

Leia trecho de *Operação Impensável*, de **Vanessa Barbara**, livro ganhador do Prêmio Paraná de Literatura 2014 na categoria Romance



29 dias antes
24 de abril de 2011,
domingo de Páscoa

Já era mais de meio-dia quando acordamos, atrasados para o almoço de Páscoa. O Tito foi direto tomar banho, fazer a barba e se vestir. E eu corri para o escritório: tensa, apanhei o iPhone dele e digitei a senha de quatro dígitos. Dias antes, no táxi para o zoológico, eu o vira teclar o código de acesso, que era simples.

Abri seu e-mail, fui direto para a caixa de itens enviados e li o que ele havia escrito na madrugada anterior: uma mensagem para o Josef e outra para o Leo, com cópia para outros três amigos do Pacto de Varsóvia. Nelas, meu marido transcrevia nossa conversa na noite anterior e dizia que ambos ficáramos aliviados. Conforme previsto, eu “engolira a versão da puta imaginária”, portanto, tudo acabaria bem. Reli o texto várias vezes. O e-mail continha outras declarações, todas em tom de superioridade e de quem se gabava de ser muito esperto. Tito afirmava ter rebatido “todas as bolas” e disse que estava feliz por ter me confessado algo próximo à verdade. Estava certo de que eu iria perdô-lo porque supostamente não teria havido a traição em si — é claro que ele não usou esses termos, mas outros bem menos agradáveis. Aos amigos, agrade-

cia o apoio e as mentiras, e se vangloriava da ótima fase que estava passando, no que dizia respeito a mulheres. Mais uma vez, os termos não foram esses.

Na caixa de entrada também encontrei um e-mail recente de uma ex-namorada de Tito, a Nina, já casada. No texto, ela dizia que fora ótimo encontrá-lo na festa do Josef e desejara marcar com ele uma noite de filmes e conversa, como nos velhos tempos. O Tito respondeu que também pensara na mesma coisa, e acrescentou que ela estava muito linda na ocasião.

No histórico de mensagens recebidas havia um número de telefone desconhecido que me pareceu suspeito — a mensagem dizia apenas “miss ya” e ele respondia “me too”. Decorei os algarismos usando as técnicas mnemônicas que o próprio Tito me ensinara.

Quando Tito surgiu vestido, pronto para sair, eu estava na sala com o iPhone nas mãos: “Você só pode estar brincando. Só pode estar brincando”. O e-mail da “puta imaginária” era mais um chute na boca, dessa vez nos dentes da frente, e eu, de novo, arrumei as coisas para ir embora. Na ocasião, deixei a aliança no banheiro e não fui legal com o Tito — que não chorou nem reagiu propriamente, só ficou bravo com a minha audácia. Argumentou, meio bravo, que se tratava de um e-mail escrito aos amigos, com quem ele vivia se gabando

de coisas que não fizera, posando de bonzão e falando bobagens. Disse que não tivera a coragem de confessar o encontro com a prostituta e inventara uma outra mentira qualquer. Me censurou por ter lido os e-mails; isso, sim, era inaceitável.

Naquele domingo de Páscoa, fui embora debaixo de uma chuva forte. Não havia táxi na esquina e tive que descer a rua até encontrar um, carregada de sacolas. A cena era patética, e a irmã de Tito me viu descendo a ladeira naquele estado. Achou estranho. No almoço da família, ele justificou minha ausência dizendo que eu tinha ido visitar o meu avô doente.

À noite, a mãe do Tito telefonou para perguntar como meu avô estava. Falei pouco e disse que meu avô não tinha nada a ver com a história, mas que o Tito havia feito algo errado e que eu iria passar uns dias na casa dos meus pais. Ainda assim, não aguentei muito tempo: na terça-feira estava de volta ao apartamento, sob a promessa de ouvir a versão definitiva da verdade, “mesmo que custasse o nosso casamento”. Nem cheguei a ficar nervosa com a expectativa de tomar mais um chute na boca — só aliviada de que seria o último, ainda que eu perdesse todos os dentes. Sempre haveria Ultra Corega® para resolver a situação.

Antes, eu telefonara para

o número de celular suspeito, perguntando “se a Carol estava”. Quem atendeu disse que não havia nenhuma Carol naquele número e então eu perguntei quem estava falando — era a Olga. Na hora, lembrei-me dela. Tito a conhecera meses antes num congresso de novas tecnologias. Ele me falava dela de vez em quando e chegara a citá-la em seu blog. Olga era minha amiga no Twitter, uma garota que parecia inteligente, simpática e interessada em meu trabalho. Pensei que agora, sim, estava me excusando na paranoia.

Notas Esparsas

Se meu apartamento falasse
(The Apartment, 1960, Billy Wilder)

J. D. Sheldrake: “Você resolve sair com uma mulher algumas vezes por semana, só por diversão, e ela logo acha que você vai se separar da sua esposa. Agora eu lhe pergunto: Isso é justo?”

C. C. Baxter: “Não, senhor, é muito injusto... Principalmente com a sua esposa.”

Décadas antes

Melhores planos de fuga executados por alemães

A presente cronologia também inclui uma série de ações desesperadas



Ilustrações: Cesar Marchesini



Cesar

e aparentemente loucas, mas que eram a única alternativa racional para o impasse do período. Percebe-se que, com o passar do tempo, as ações vão ficando cada vez mais mirabolantes, até envolver martelos fosforescentes e um minissubmarino caseiro.

Segue uma compilação dos planos de fuga mais espetaculares empreendidos por alemães orientais:

15 de agosto de 1961 — No terceiro dia de construção do Muro de Berlim, o recruta Conrad Schumann, de 19 anos, resolveu simplesmente saltar sobre o arame farpado para o outro lado, enquanto ainda portava sua metralhadora. A foto tornou-se um ícone da Guerra Fria.

5 de dezembro de 1961 — Um maquinista chamado Harry Deterling pilotou uma locomotiva contendo seis homens, dez mulheres e sete crianças, atravessou o Muro em alta velocidade e só parou em Spandau, Berlim Ocidental.

24 de janeiro de 1962 — Entrando pelo porão de uma casa na fronteira, vinte e oito pessoas fugiram através de uma galeria que passava por baixo de Oranienstrasse, no Ocidente.

Maio de 1962 — Uma dúzia de idosos escapou pelo que ficou conhecido como o “Túnel dos Velinhos”. Liderados por um senhor de 81 anos, o grupo passou dezesseis dias cavando uma passagem de quarenta e oito metros de comprimento e quase dois de altura que tinha início dentro de um galinheiro. Quando indagados sobre a altura exagerada do túnel, eles dis-

seram que o objetivo era atravessar de cabeça erguida.

8 de junho de 1962 — Catorze alemães orientais sequestraram um barco de passageiros no rio Spree, cruzando a fronteira por via aquática sob forte tiroteio dos soldados da RDA.

26 de dezembro de 1962 — Dentro de um ônibus blindado, duas famílias atravessaram o posto de controle Drewitz-Dreilinden, escapando ilesos a tiros de metralhadora. Em 7 de fevereiro do ano seguinte, mais oito pessoas fugiram pelo mesmo posto, a bordo de um ônibus reforçado.

1o de fevereiro de 1963 — O acrobata alemão Horst Klein, 36, conseguiu atravessar para o setor ocidental através de um cabo de alta tensão em desuso. Usando as mãos, avançou centímetro a centímetro, a dezoito metros de altura dos guardas. Assim que seus braços começaram a fraquejar, o ex-trapezista pôs-se de pé no fio e andou até o outro lado, onde eventualmente caiu — mas já no lado ocidental.

5 de maio de 1963 — Quando o operador de torno mecânico Heinz Meixner estava cruzando o Checkpoint Charlie, os guardas notaram algo de incomum em seu conversível vermelho: o veículo não tinha para-brisa. Pediram que ele parasse, mas Meixner baixou a cabeça e acelerou. O conversível passou por cima da barreira de quase um metro que separava o Leste do Oeste, libertando o austríaco e sua mãe, escondida no porta-malas.

5 de outubro de 1964 — Cinquenta e sete homens, mulheres e

crianças rastejaram por mais de cento e cinquenta metros em um túnel ligando a Strelitzer Strasse e a Bernauer Strasse.

29 de julho de 1965 — Numa quinta-feira a tarde, Heinz Holzapfel, 33, levou a família para um agradável passeio no Haus der Ministerien [Prédio dos Ministérios]. Ele, a mulher Jutta e o filho Gunter, de 9 anos, esconderam-se num banheiro, e lá ficaram tirando um cochilo até as dez da noite. Então subiram ao terraço e arremessaram para o lado ocidental um martelo pintado com fosforo (material que brilha no escuro). A ferramenta havia sido cuidadosamente acolchoada para não fazer barulho ao cair e atada a uma linha de nylon. Do outro lado, seus cúmplices apanharam o objeto e o amarraram a um cabo de aço. A família conseguiu deslizar para o outro lado com a ajuda de roldanas.

9 de setembro de 1968 — O químico Bernd Boettger, de 28 anos, natural de Sebnitz, conseguiu cruzar a fronteira numa engenhoca submarina projetada por ele mesmo. Primeiro ele pegou um motor que havia construído para seu automóvel e o impermeabilizou com fibra de vidro e resina de poliéster. Então o conectou a um cilindro de quarenta centímetros de comprimento, também de fibra de vidro, que utilizou como tanque de gasolina. Acoplou um snorkel de um metro para arejar o carburador e um par especial de cabos que controlavam o acelerador e direcionavam o submarino. No lugar de propulsores, Boettger reaproveitou alguns cabos arrancados de cortadores de grama. Durante toda a travessia,



realizada a velocidade de aproximadamente cinco quilômetros por hora, o minissubmarino o manteve submerso a apenas um metro de profundidade. Boettger chegou a topar com um barco de patrulha da República Democrática Alemã e teve de desligar o motor até que eles se afastassem. Em poucas horas, atravessou o mar Báltico partindo de Graal-Muritz, na Alemanha Oriental, e chegando a Gedser, na costa da Dinamarca.

22 de maio de 1975 — Primeiro, o soldado Ingo Bethke abriu um buraco numa cerca próxima ao rio Elba. Depois atravessou um campo minado com a ajuda de um bloco de madeira, que usava para tatear o solo à frente. Por último, soprou seu colchão inflável e flutuou até a parte ocidental.

Outubro de 1976 — Com semelhante disposição, o jovem médico Martin Kasten lambuzou o corpo de gordura animal e vestiu uma roupa emborrachada com nadadeiras e snorkel. Jogou-se na água à meia-noite e nadou pelo mar Báltico durante dez horas, sendo enfim resgatado por um barco de pescadores suecos, já na Alemanha Ocidental.

16 de setembro de 1979 — O mecânico Hans Strelczyk e o pedreiro Gunter Wetzl passaram meses projetando um balão de ar quente a partir de velhos cilindros de propano. Suas esposas costuraram o tecido do balão usando retalhos, capas de chuva e lençóis. Na primeira tentativa, em julho, a engenheira levantou voo e pousou com segurança – só que ainda do lado oriental. Apavorada, a família foi obrigada a

ocultar os resquícios da façanha e marcou outra tentativa para dali a alguns meses. Dessa vez, funcionou.

31 de março de 1983 — Inspirados na ideia do acrobata, os amigos Michael Becker e Holger Bethke (irmão de Ingo, o fugitivo do colchão inflável) arquitetaram um plano. Disfarçados de eletricitistas, subiram ao terraço de um prédio no lado comunista e, após treze horas de espera, dispararam uma flecha atada a uma fina linha de pesca. Do lado ocidental, Ingo levou quase uma hora para encontrar o objeto, que havia caído num arbusto. Engatou-o no para-lamas de um carro, conectou-o a uma linha mais grossa e, mais tarde, a um cabo de aço. O fio foi estendido sobre a “faixa da morte” do Muro de Berlim e preso a uma chaminé. Assim os dois passaram para o outro lado, impelidos por roldanas de madeira. Anos depois, Holger e Ingo voltaram à parte oriental para resgatar o outro irmão, Egbert.

29 de agosto de 1986 — Em plena madrugada, uma família berlinense (mãe, pai e um bebê de oito meses) atravessou o muro no posto de fronteira conhecido como Checkpoint Charlie, dirigindo um caminhão com um carregamento de pedras.

Novembro de 1986 — Dirk Deckert e Karsten Klunder moravam perto do mar e decidiram que escapariam da Alemanha Oriental surfando até a Dinamarca. Compraram bússolas e arrastaram suas pranchas até a costa. O vento estava favorável e as ondas eram fortes, mas, logo após a partida, Deckert perdeu sua bússola e rasgou sem querer o traje de mergulho. Foi obrigado a voltar

e tentar de novo no dia seguinte, o que efetivamente fez. Nesse meio-tempo, Klunder vislumbrou a costa dinamarquesa e, em terra firme, alertou as autoridades sobre a chegada do amigo, que passou seis horas surfando até encontrar um barco de pescadores.

26 de maio de 1989 — Enfim chegara a vez do último dos irmãos Bethke: Edgar, que continuava morando em Berlim Oriental. Nos anos de exílio, os outros dois irmãos aprenderam a pilotar aviões e venderam suas poses para comprar dois ultraleves, substituindo os motores por outros mais potentes. Pintaram na fuselagem estrelas soviéticas para confundir os guardas, vestiram uniformes militares e decolaram em direção ao parque Treptower, em Berlim Oriental, onde Egbert os aguardava. Um dos aviões ficou inspecionando a área enquanto o outro resgatava o último dos Bethke. Ambos cruzaram o muro a cento e cinquenta metros de altura e não foram avistados. Pousaram às 4h37 da manhã em frente ao prédio do Reichstag (Parlamento Alemão), situado no limite da fronteira.

18 de agosto de 1989 — O professor Hans-Peter Spitzner, de uma cidade da Saxônia, foi o último fugitivo a cruzar o Checkpoint Charlie. Ele atravessou a fronteira no porta-malas de um veículo dirigido por um soldado americano, que concordou em ajudá-lo. Sua filha o acompanhava. Três meses depois o Muro de Berlim cairia, em 9 de novembro de 1989. ■

[Trecho de *Operação impensável*]

 **Vanessa Barbara** nasceu em 1982 em São Paulo, onde vive. É jornalista, colunista do *International New York Times* e de *O Estado de S.Paulo*. Autora, entre outros, do livro-reportagem *O livro amarelo do terminal* (2008, Prêmio Jabuti de reportagem), do romance *Noites de alface* (2013) e da coletânea de crônicas *O louco de palestra* (2014). Em 2012, integrou a edição da revista *Granta*, que escolheu os 20 Melhores Jovens Escritores Brasileiros.

POEMAS | AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Aquelas situações de novela
aquelas frases das canções banais
acontecem.

Acontecem
com os que pensam
que aquelas situações de novela
aquelas frases das canções banais
não acontecem.

Acontecem
no lado suburbano
de meu peito.

E posto que sejam kitsch
como tangos e boleros
soluçam e nos humilham
nos expondo ao ridículo
sem nossa autorização.

Deixei a Acrópole, em Atenas,
como a encontrei.
Pisei suas pedras
olhei as sobrantes figuras derruídas
e agora parto para meu distante país.
Não o fizeram assim os persas,
os turcos,
e aquele inglês avaro
que levou seus mármores.

No topo da montanha, a Acrópole resiste.

No café da manhã, a olhava.
No entardecer, a olhava.
À noite, iluminada, a olhava.

Certa madrugada levantei-me
para (há quatro mil anos)
contemplá-la.

Eu
— exposto a pilhagens e desmontes,
admirei sua permanência.

Um dia estarei morto.
Ela sobreviverá aos bárbaros
e aos que, como eu,
depositaram
aqui
o seu pasmo.

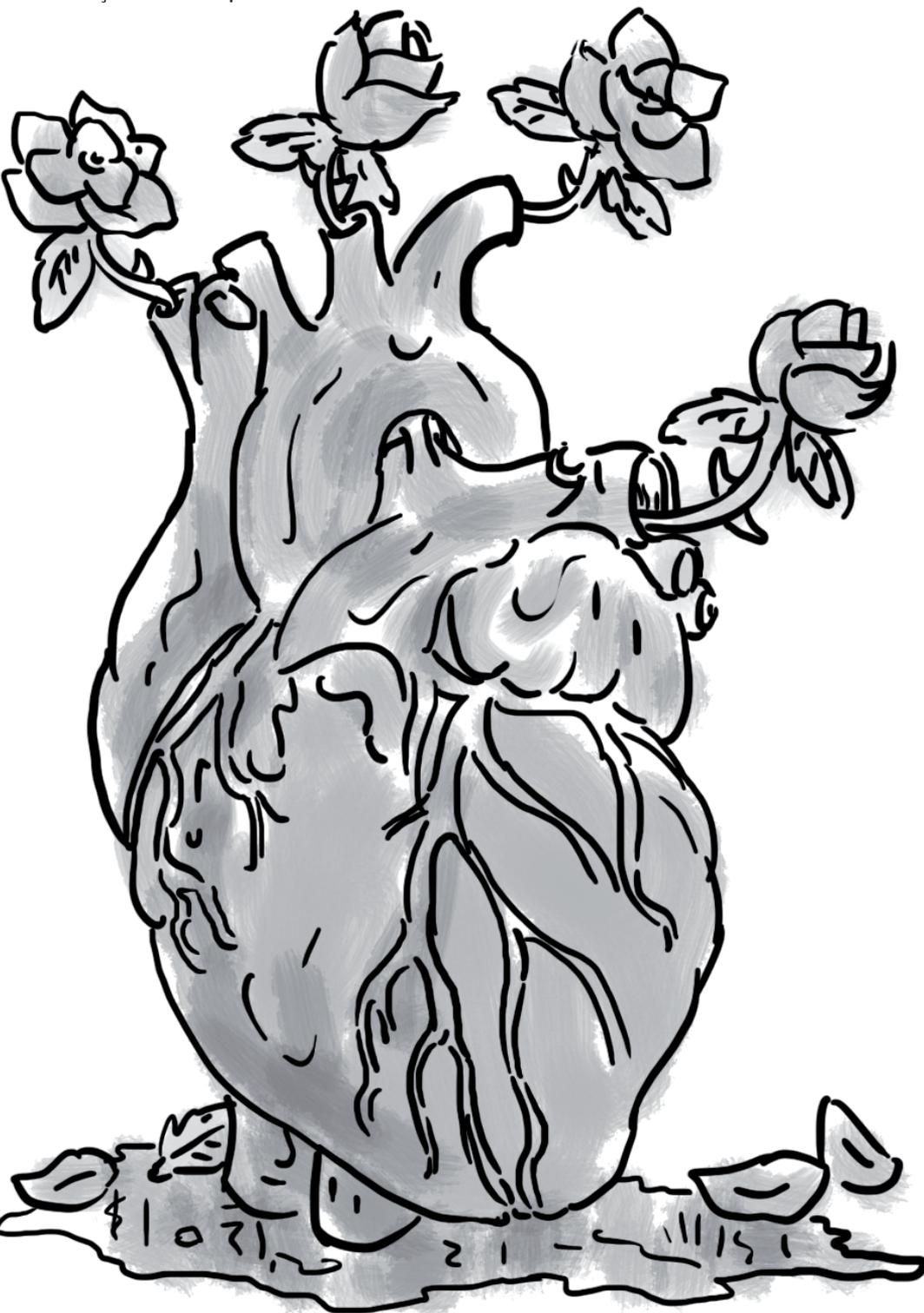
DIA 31

Os que se foram neste ano
soltavam fogos, brindavam, puseram roupas novas
fizeram planos e festas
mas não conseguiram chegar onde estamos.
Nós e esta estúpida e gloriosa obsessão
como se a felicidade estivesse à nossa frente.

Não há o que dizer
embora a celebração.
Andar um ao lado do outro,
em silêncio
ou deixar-se ir sozinho
sob o peso da absurda solidão.



Ilustrações: Rafael Campos Rocha



Os mortos não têm que escovar os dentes de manhã
não se espreguiçam quando acordam, aliás, nem acordam.
também não se preocupam com o que vão fazer à tarde.

Os mortos não têm que salvar o país
ir ao motel, pagar tributos,
Os mortos não sofrem de mal de amor
não se matam uns aos outros
não lêem os jornais, não discutem nas esquinas
nem no elevador conversam
sobre os jogos de domingo.

Invejáveis, os mortos.
Não se preocupam com os vivos
nem com com seus semelhantes, os mortos.

A busca da felicidade
foi totalmente ultrapassada
Os mortos atingiram, (porque mortos)
o que os vivos almejam:
a neutralidade absoluta.

Não estão presos ao tempo.
e riem da eternidade.

 **Affonso Romano de Sant'Anna** nasceu em 1937, em Juiz do Fora (MG), e é considerado um dos mais importantes poetas do país. Autor de mais de 40 livros, entre os quais, *Que país é este?* (1980) e *Textamentos* (1999). Os poemas publicados nesta edição do **Cândido** são inéditos e fazem parte de um livro, ainda sem título, que será publicado em 2015. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

RCR14

Os livros mais emblemáticos dos últimos 20 anos

Enquete revela predominância de autores mais experientes entre os preferidos da crítica

Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato, é uma espécie de romance fragmentado, que também pode ser lido como uma coletânea de contos curtos. O livro traz histórias, em geral malfadadas, de gente simples da periferia de São Paulo.



Kraw Penas



Kraw Penas

Lançado no ano 2000, *Dois irmãos*, do amazonense Milton Hatoum, narra a conturbada trajetória dos gêmeos Yaquib e Omar durante o regime militar. Para a crítica literária Leyla Perrone-Moisés, o romance tem “todas as qualidades dos melhores exemplos do gênero”.

Qual o melhor livro de prosa publicado no Brasil nos últimos 20 anos? A pergunta foi encaminhada a 20 professores universitários, pesquisadores de literatura contemporânea, prosadores e poetas. A resposta deveria ser breve, explicando o porquê da indicação da obra, incluindo a transcrição de um trecho do livro. O resultado da enquete os leitores do **Cândido** conferem nas próximas páginas desta edição.

Antes de qualquer análise, uma informação fala por si: não houve voto para nenhum livro de contos, apesar de contistas de qualidade inquestionável publicarem com regularidade nas duas últimas décadas. Ano passado, Dalton Trevisan lançou *O beijo na nuca*, enquanto Sérgio Sant’Anna compareceu com *O homem-mulher* — isso sem falar de Rubem Fonseca, Luiz Vilela e outros exímios contistas que publicam continuamente.

Este fato, nenhum voto para livro de contos, confirma uma máxima do mercado: o leitor brasileiro prefere ler, e consumir, romance. A frase, enunciada por editores, adquire ainda mais verdade após o resultado desta lista estimulada pelo jornal da Biblioteca Pública do Paraná.

Uma segunda questão se evidencia: os dois nomes mais citados, Luiz Ruffato e Milton Hatoum, são — de fato — autores contemporâneos muito conhecidos, e badalados, seja na imprensa cultural ou devido à participação

contínua deles em eventos literários.

Os escritores Marçal Aquino e Marco Aurélio Cremasco, e a professora Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Ana Cláudia Viégas, escolheram *Eles eram muito cavalos*, de Luiz Ruffato — que divide com *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, o primeiro lugar nesta pesquisa.

E o que justifica a escolha, por exemplo, do livro do Ruffato como um dos destaques da literatura brasileira recente?

O escritor Marçal Aquino apresenta o seu argumento: “*Eles eram muitos cavalos* é uma espécie de ‘Sampa’ no panorama da literatura brasileira contemporânea. Assim como a canção de Caetano, o romance de Luiz Ruffato alcança a façanha de sintetizar algo que, por sua absurda complexidade, resiste à síntese: a cidade de São Paulo”.

Já *Dois irmãos*, de Hatoum, é o melhor dos últimos 20 anos no entendimento do jornalista e escritor Paulo Roberto Pires, da professora da Universidade de São Paulo (USP), Leyla Perrone-Moisés e da pesquisadora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Tânia Pellegrini.

“Dois irmãos, de Milton Hatoum, é obra de um autor maduro, que já tinha dado provas de seu talento em romances anteriores. Esse romance tem todas as qualidades dos melhores exemplos do gênero: linguagem cuidada, intriga complexa e cativante, personagens

consistentes e ampla significação. O olhar do narrador é, ao mesmo tempo, nostálgico e amargo, poético e lúcido”, afirma Leyla Perrone-Moisés.

No jet set e fora dele

Além dos dois mais votados, Ruffato e Hatoum, outros autores que frequentam o jet set literário tupiniquim também tiveram obras escolhidas pelos convidados do **Cândido**. Cristovão Tezza, que se tornou mais conhecido no Brasil por causa de *O filho eterno* (2007), apesar de publicar regularmente desde a década de 1980, foi a opção do professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Anco Vieira.

A professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Sissa Jacoby optou por Chico Buarque, com o romance *Budapeste* (2003), e Paulo Lins, que teve o romance *Cidade de Deus* (1997) encaminhado para o sucesso devido a uma adaptação cinematográfica, é a sugestão do escritor e jornalista João Gabriel de Lima — o crítico literário e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Luís Augusto Fischer votou no romance *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo.

Aparecem nesta amostragem informal autores que flertam com um experimentalismo formal e temático, entre os quais João Gilberto Noll, com *Acenos e afagos* (2008), Nuno Ramos, e a longa narrativa *Ó* (2008), e Evandro

Afonso Ferreira e o seu *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (2010).

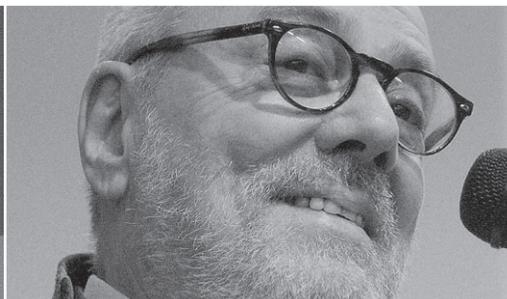
O levantamento também contempla nomes não muito conhecidos, pelo menos pouco mencionado em jornais e revistas culturais, como Conceição Evaristo, com *Becos da memória* (2006), e Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira, com *As visitas que hoje estamos* (2012) —, além dos paranaenses Miguel Sanches Neto, autor do romance *Chove sobre minha infância* (2000) e Oscar Nakasato, vencedor do Prêmio Jabuti 2012 na categoria romance com *Nihonjin* (2011).

Merece registro o fato de nenhum autor com menos de 40 anos ter sido mencionado, ainda mais no contexto em que há uma celebração do autor jovem no Brasil, fato que se comprova com a publicação de Granta: *Os melhores jovens escritores brasileiros* — antologia lançada em 2012 durante a 10ª edição da Festa Literária de Paraty (Flip). Se nenhum autor com menos de 40 anos conseguiu lançar uma obra digna de ser mencionada em uma enquete, isso deve ter algum significado, seja lá o que for. As mulheres estão em minoria e, além da já mencionada Conceição Evaristo, Adriana Lisboa, com *Rakushisha* (2007), é a aposta de Daniela Versiani, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e Hilda Hilst foi lembrada pelo professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e crítico literário Alcir Pécora.

Kraw Penas



Kraw Penas



Kraw Penas



Matheus Dias/ Rascunho



Estar sendo/Ter sido (1997), de Hilda Hilst

Estar sendo/Ter sido é o último livro em prosa escrito por Hilda Hilst e representa um dos grandes momentos de sua ficção. Constrói-se como um longo fluxo de consciência de um homem que, ao completar 65 anos, descobre que nada pode ser mais relevante em sua vida do que se preparar para o momento de sua morte.

Fazer-se abandonar pela mulher é a primeira providência que toma, mas a lembrança dela, bem como a de outras amantes, é constantemente renovada pelas presenças do irmão e do filho, os quais, embora não compreendam a sua apatia pela vida, permanecem fielmente ao seu lado.

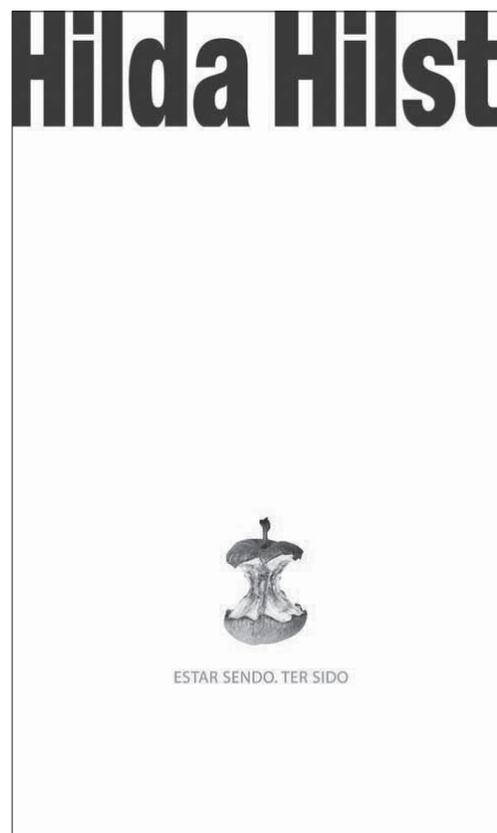
Na segunda parte do livro, após sofrer um colapso e ser internado, a cena básica já não é composta pelos familiares, mas por uma criada de quarto, um barman e vários vira-latas. A lembrança da mulher é então substituída pela de várias outras personagens de outros livros de Hilda Hilst, de modo que a novela se produz igualmente como evidência da unidade do conjunto da sua obra em torno da imaginação da morte.

ALCIR PÉCORA é professor de teoria literária da Unicamp e autor de *Máquina de gêneros*.

TRECHO

“Diz que é advogada. minha casa dá frente para a rua de areia, e a biblioteca e o jardim dão para o mar. durmo na biblioteca. vejo-a passar. é elegante. pequena. anotei ontem essas linhas sobre Lucina, mas não quero falar disso por enquanto. sei que sonhei comigo mesmo deitado sobre um esquite, não dentro do esquite, mas sobre a tampa. havia algo enrolado no meu pescoço. um pano negro. eu estava lá deitado. devia estar morto, mas por que sobre a tampa e não lá dentro? chamavam-me: Vittorio! Vittorio! levanta-te! e não é que eu me levantava? 'conclamatio'. era esse o nome que davam àquele ritual, não era? o morto era o 'conclamato'. durmo sempre na biblioteca porque é assim: minha casa tem a frente voltada para a rua de areia, o fundo é um vasto jardim e é também minha biblioteca e bar; dando para o mar. Oroxis limpa os livros a cada dia. por causa do bolor. põe os livros de cabeça para baixo porque não sabe ler. odeio criados. são presunçosos, ressentidos e sempre te odeiam.”

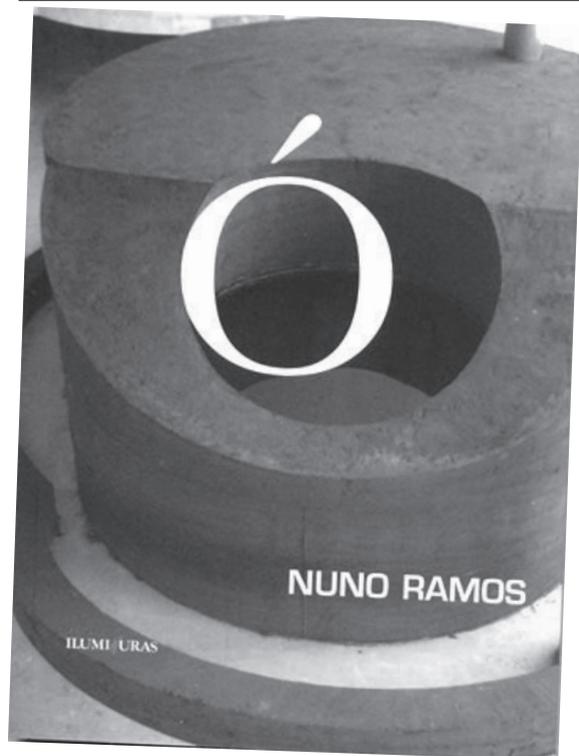
Estar sendo/Ter sido (1997), de Hilda Hilst, 1ª edição, editora Nankin, 1997.



Ó (2008), de Nuno Ramos

Ó, de Nuno Ramos, publicado em 2008, pertence a uma estirpe rara na literatura brasileira, na linha de *Água viva* (1973), de Clarice Lispector, por ousar implodir os limites da representação e a retórica do lugar, por se abrir livremente a correspondências entre as formas sensíveis da matéria e a escrita do mundo. A meditação exacerbada e a vertigem da linguagem levam a momentos epifânicos em que conhecimento e criação poética se confundem na revelação do “patrimônio selvagem do sujeito”. E como “todo conhecimento vem do corpo”, dele irradiam as redes de sentido que dão massa e volume aos blocos textuais — *corpus* erótico — em que a palavra se abisma. Para o escritor, a *deformidade* que constitui o saber contemporâneo parece ser fruto desse enfrentamento das palavras e das coisas, levado ao extremo da tagarelíce ou do silêncio.

WANDER MELO MIRANDA é professor de teoria da literatura e literatura comparada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É autor de, entre outros livros, *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*.



TRECHO

“Meu corpo se parece muito comigo, embora eu o estranhe às vezes. Tateio minuciosamente as pequenas saliências da pele, os pequenos pelos que vão crescendo enquanto caem, e empalidecem, e parecem, aos poucos, cobertos de giz. Embora só consigam crescer em torno do meu queixo e sobre a minha boca, sempre os aparei todos os dias, pois quando não o fazia cofiava, é este o verbo, aquele conjunto unido de pequenos cabelos ininterruptamente, com a voluptuosidade de quem precisasse fumar ou beber ou arrotar, mas parecendo aos demais que adotava uma posição reflexiva e até mesmo irônica, o que não era a minha intenção. Para evitar desentendimentos, desde a primeira adolescência raramente deixei de cortá-los durante o banho, como um inimigo constante que precisasse controlar. Pois bem, quando fiquei alguns dias sem tomar banho e me olhei no espelho, percebi círculos calvos em meu queixo. Os pequenos pêlos haviam caído em rigorosa geometria, como aqueles círculos em plantações de milho, ou trigo, na Europa, Austrália e nos Estados Unidos, que muitos tomam por sinais extra-terrestres.”

Ó, de Nuno Ramos, editora Iluminuras, 1ª edição, 2008.

Eles eram muitos cavalos (2001), de Luiz Ruffato

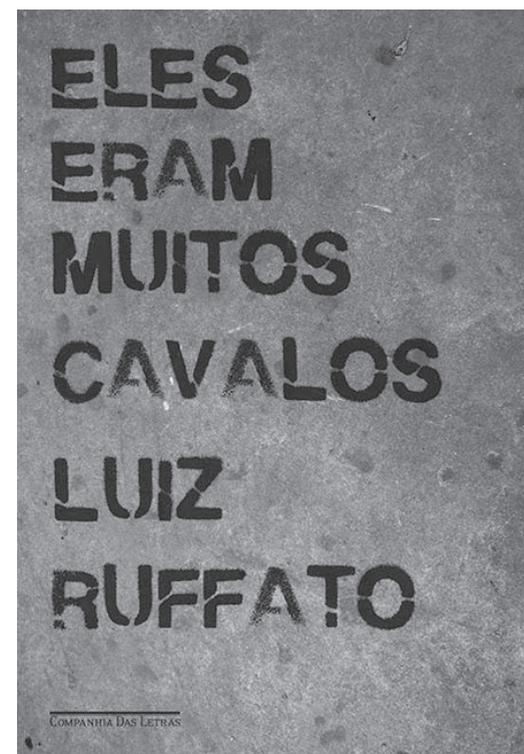
Eles eram muitos cavalos é uma espécie de “Sampa” no panorama da literatura brasileira contemporânea. Assim como a canção de Caetano, o romance de Luiz Ruffato alcança a façanha de sintetizar algo que, por sua absurda complexidade, resiste à síntese: a cidade de São Paulo. Uma visita guiada à vertigem, da qual este livro polifônico traz notícias inquietantes. Em 69 episódios, Ruffato lança mão de um arsenal de recursos formais para narrar o caos e seus personagens aturdidos, gente habituada a ser coadjuvante em sua própria biografia. O resultado é uma radiografia que busca rastrear o que de humano resta nas relações de pessoas engolidas pela voracidade da metrópole. Um contundente testemunho de um tempo e de um lugar.

MARÇAL AQUINO publicou, entre outros livros, *O amor e outros objetos pontiagudos*, *Faroestes* e *Cabeça a prêmio*. Foi o roteirista dos filmes *Os matadores*, *Ação entre amigos*, *O invasor*, *Nina* e *Crime delicado*.

TRECHO

“Bem dado, de baixo pra cima, o chute que atingiu as costelas à mostra do vira-lata catapultou-o para o meio da rua, onde, aterrizando meio de banda, escapuliu ganindo, sem atentar tamanha crueldade. Só empós escapar ligeiro por entre valas fétidas e becros sonolentos, escuridões e clareiras, é que, encorajando-se, tornou ao revés. Já ninguém não havia extorquindo a manhã nascitura. Parou, resfolegante, o coraçãozinho às corcovas, estendeu-se sobre o corpo trêmulo, a confusa recém-lembrança. Por que fora agredido? Arfando, a língua lambe o pelo duro, amarelo-sujo, tenta escoimar os doloridos. Por quem fora agredido? Os dentes agudos mordiscam ao léu, à cata de invisíveis pulgas. Exausto, a cabeça pende sobre as patas esticadas, cerra os olhos, o rabo sossega, suspira. Aos poucos, os caquinhos coloridos assentam no fundo do caleidoscópio.”

Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato, página 28, Boitempo Editorial, 1ª edição, setembro de 2001.



Chove sobre minha infância (2000), de Miguel Sanches Neto

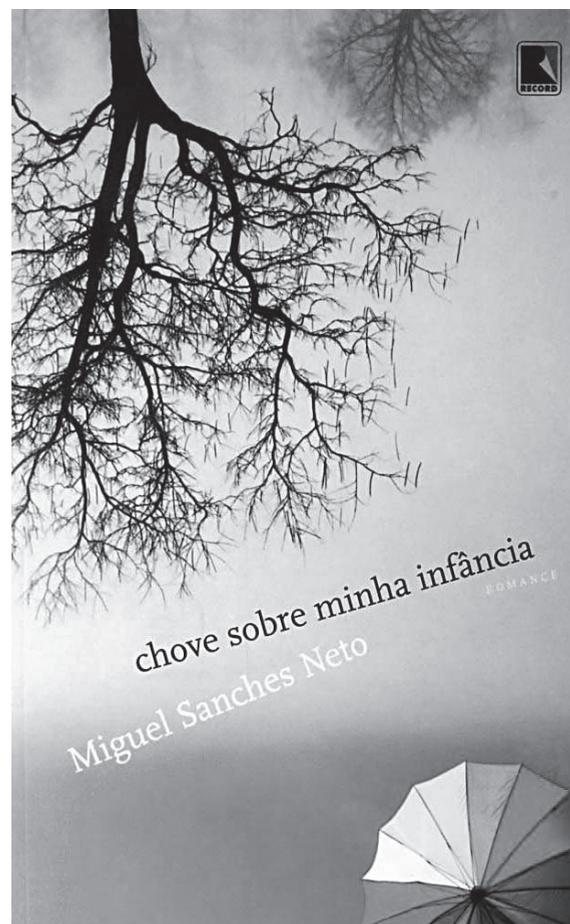
Tratando-se de indicar uma ficção “emblemática”, publicada nos últimos 20 anos, não tenho dúvida: *Chove sobre minha infância*, romance de Miguel Sanches Neto, publicado pela Record em 2000 e republicado, pela mesma editora, 12 anos depois. Justifico aqui a minha escolha com palavras que escrevi quando do aparecimento da obra: *Admirável pela coragem, pelo despojamento, pela grandeza de alma (até no reconhecer as pequenezas), pela poderosa arte de que é feito, é livro que certamente vai ficar entre os mais belos e dilacerantes da literatura nacional*. Sem dúvida, no período aqui considerado, nenhuma ficção brasileira me emocionou tanto quanto *Chove sobre minha infância*. Meu voto, portanto, nesta escolha de prosas literárias “emblemáticas” dos últimos 20 anos, é para esse grande livro.

RUY ESPINHEIRA FILHO é escritor e poeta. Publicou os romances *Ângelo Sobral desce aos infernos* e *Um rio corre na Lua*. Em 2012, teve grande parte de sua produção poética reunida na antologia *Estação infinita e outras estações*.

TRECHO

“A morte de meu pai é o início de minha história, mas havia uma longa e bem narrada pré-história. Se eu não retornar a ela, talvez não seja compreendido. Por que mexer nestas coisas que doem?, me perguntaram. Descascar a ferida apenas para sofrer mais do que normalmente se sofre nesta vida em que nada cicatriza completamente? Sofrer com a lembrança é um reconforto. Tudo passou e sobrevivemos, tivemos força para manter a sanidade, para seguir nosso caminho. A dor do passado, ao contrário da dor do presente, é uma espécie compungida de felicidade. Sim, sinto prazer olhando aquele tempo, me vendo sozinho no mundo, órfão em vários sentidos.”

Chove sobre minha infância, de Miguel Sanches Neto, página 17, 1ª edição, Record, 2000.



Becos da memória (2006), de Conceição Evaristo

Refletindo sobre a difícil situação dos negros após a abolição, Carolina Maria de Jesus dizia que “hoje estavam aqui, amanhã ali, como se fossem folhas espalhadas pelo vento. Eles tinham inveja das árvores, que nasciam, cresciam e morriam no mesmo lugar”. É esse mesmo sentimento de desenraizamento e de não pertencimento que envolve e dá força ao romance *Becos da memória* (2006), de Conceição Evaristo. A partir da narrativa do desmonte de uma favela em Belo Horizonte, a autora faz emergir um fascinante conjunto de personagens, especialmente mulheres, que se deslocam pelas vielas do lugar carregando consigo pouco mais que seus corpos e suas histórias. Negros e pobres, descendentes de escravos quase todos, com a demolição da favela se tornam, mais uma vez, “folhas espalhadas pelo vento”. E o romance — gesto político que se faz estético, ou vice-versa — se organiza, então, como abrigo e espaço de empoderamento para personagens que não costumam ter lugar em nossas cidades ou em nossa literatura.

REGINA DALCASTAGNÈ é professora titular de literatura brasileira da Universidade de Brasília, pesquisadora do CNPq e editora da revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea.

TRECHO

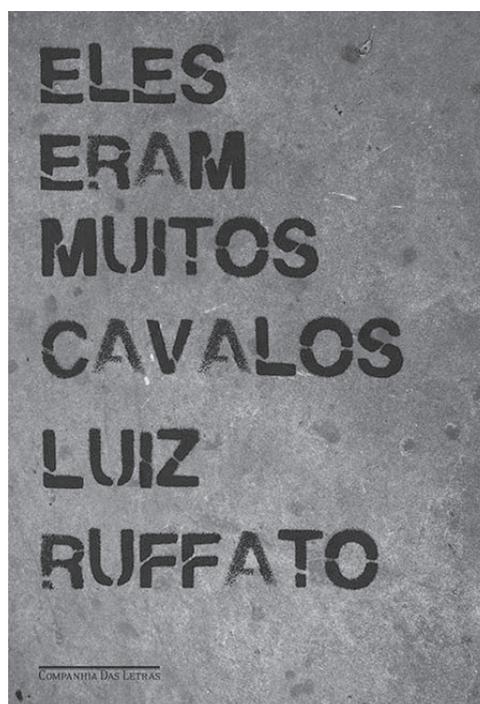
“ Já Tio Totó sempre fora um homem de risos e sorrisos fartos. A gargalhada dele retumbava. Ele viera de pais escravos. Viera são, salvo e sozinho da outra banda do rio, deixando nas águas, o melhor de seu. Viera de uma primeira e de uma segunda mulher morta. Viera de filhos mortos. Estava no terceiro casamento, cumpria seu tempo de vida com seus 90 e tantos anos. E há até bem pouco tempo, ria gostoso, ria liberto. Seu riso, sua gargalhada foi rareando quando ele começou a envelhecer. Tio Totó custou a se tornar um velho. Aos 80 era um moço. E gostava de repetir: eu não sou de morte fácil, de vida difícil, sim! De todas as suas histórias, a que ele gostava mais de contar e repetia sempre era a da travessia do rio. Sempre começava assim: ‘Cheguei são e salvo e sozinho na outra banda do rio. Gostaria de ter morrido, mas estou aqui.’”

Becos da memória, de Conceição Evaristo, 1ª edição, Editora Mazza, 2006.



Eles eram muitos cavalos (2001), de Luiz Ruffato

O mundo que se apresenta, no começo deste século, não nos permite vê-lo em simples relação de causa e efeito, em composições lineares e resultados previsíveis. O mundo induz-nos a percebê-lo em relações não lineares e imprevisíveis. Este mundo delinea-se no Caos, mas não como ideia de desordem e sim como a possibilidade de observar um espaço multidimensional, presente nas combinações de variáveis que o definem. Este espaço pode ser qualquer metrópole, em particular São Paulo, enquanto as variáveis são os habitantes, a poluição, os sons, as luzes, os carros, os cheiros, o horóscopo, o cardápio, uma carta, o anúncio de jornal. Ao pensar em uma obra que traduza, de modo emblemático, este espaço tanto nas suas variáveis quanto na forma literária em que se manifesta (poesia, crônica, conto), a configurar uma ficção revolucionária, sou rapidamente conduzido a este atrator caótico que é *Eles eram muitos cavalos*, lançado em 2001, de Luiz Ruffato.



MARCO AURÉLIO CREMASCO é professor universitário e escritor. Publicou os livros de poemas *Vampisales* (1984), *Viola caipira* (1995), *A criação* (1997), *fromIndiana* (2000) e *As coisas de João Flores* (2014), além da coletânea de contos *Histórias prováveis* (2007) e do romance *Santo Reis da Luz Divina* (2004).

TRECHO

“Nesses quinze anos tivemos três baixas (além da morte do Chico Alemida, a caminho de Curitiba):

Osvaldão — Voltou definitivamente para Belo Horizonte, levando a mulher e dois filhos. Não aguentou a barra de São Paulo, vendeu tudo. De vez em quando liga, reclamando da vida.

Parece que um dos filhos tem problema com drogas.

Silveira — Suicidou-se faz três anos. Estava falido. Todos os negócios que bolou deram errado: restaurante, editora, videolocadora, loja de produtos exóticos. Era solteiro e tinha problemas com a sua sexualidade.

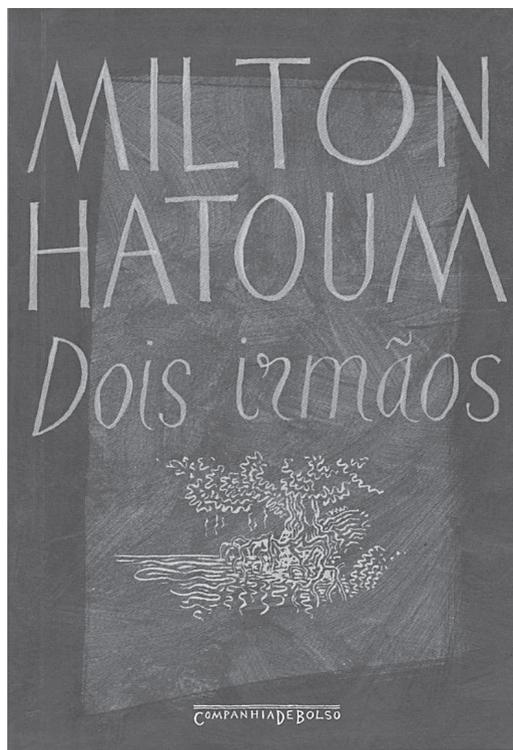
Lincoln — Morreu assassinado num assalto ao seu sobrado, na Vila Romana.”

Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato, página 136, Boitempo Editorial, 1ª edição, setembro de 2001.

Dois irmãos (2000), de Milton Hatoum

Dois irmãos nasceu clássico menos pela facilidade do clichê do que pelo perfeito equilíbrio entre a narrativa linear e jamais convencional, soberbamente construída em torno do dilacerante drama de Yaqub e Omar, e as camadas e mais camadas de leituras que suscita. À carcomida geometria dos afetos familiares, Milton sobrepõe uma poderosa reflexão filosófica sobre a dúvida e, principalmente, traça um retrato terrível do Brasil, equidistante da simplificação regionalista e do realismo banal. A Manaus de *Dois irmãos* é todo o mundo, feita da tensão entre o mot juste de Flaubert e o irreprimível horror de Conrad. Mas é, sobretudo, o nosso mundo, tão próximo, em que a Amazônia devastada se espalha pelos tristíssimos trópicos onde a ruína não só precede a construção, mas termina por a ela se impor.

PAULO ROBERTO PIRES é jornalista e professor da Escola de Comunicação da UFRJ. Autor do romance *Se um de nós dois morrer* e editor da *Serrote*, revista de ensaios do Instituto Moreira Salles.



TRECHO

“Zana teve de deixar tudo: o bairro portuário de Manaus, a rua em declive sombreada por mangueiras centenárias, o lugar que para ela era quase tão vital quanto a Biblos de sua infância: a pequena cidade no Líbano que ela recordava em foz alta, vagando pelos aposentos empoeirados até se perder no quintal, onde a copa da velha seringueira sombreava as palmeiras e o pomar cultivados por mais de meio século.”

Dois irmãos, de Milton Hatoum, página 9, Companhia de Bolso, 6ª reimpressão, 2006.

Cidade de Deus (1997), de Paulo Lins

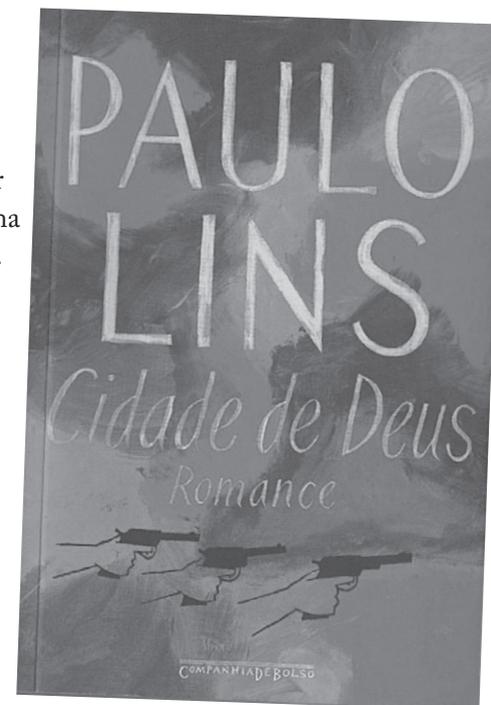
Entre os romances lançados nos últimos 20 anos, considero que *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, tem tudo para ser reconhecido no futuro como um clássico. Por várias razões. A primeira é a narrativa, cheia de personagens e histórias paralelas. Ela é moderna, por ser polifônica e multifacetada, e ao mesmo tempo clássica, na medida que dialoga com Charles Dickens, por exemplo. Outra razão é a forma. O livro é estruturado em torno de três mortes, o que dá uma unidade grande à trama. Havia um grande risco que o romance perdesse força pelo excesso de tramas paralelas, e isso não acontece. Por último, *Cidade de Deus* contribuiu, no Brasil, para o debate sobre o crime organizado nas comunidades cariocas. Ele foi lançado numa época em que o debate sobre o assunto era influenciado por várias visões apressadas. Algumas diziam que os soldados do tráfico eram manipulados por chefes de classe média alta que moravam nos bairros nobres do Rio. Outros associavam o crime nos morros a uma nascente revolta popular. O livro, escrito após intensa pesquisa, mostra como o tráfico se forma como um fenômeno cultural dentro das comunidades, e lá dentro mesmo engendra sua própria hierarquia. Mostra também que o crime organizado nada tem a ver com revolta política — é apenas crime. Ousado e sólido na forma, provocativo no conteúdo, *Cidade de Deus* é um dos grandes livros lançados nos últimos tempos no Brasil.

JOÃO GABRIEL DE LIMA nasceu em São Paulo, é escritor e jornalista. Autor dos romances *O Burlador de Sevilha* (Companhia das Letras, 2000) e *Carnaval* (Objetiva, 2006). Foi diretor de redação da revista *Bravo!* e é diretor-adjunto de *Época*, onde tem uma coluna sobre política e cultura.

TRECHO

“O corpo de Buzunga saiu em todos os jornais do Grande Rio. A *Cidade de Deus*, segundo a imprensa, tornara-se o lugar mais violento do Rio. O conflito entre Zé Miúdo e Zé Bonito fora qualificado como guerra. Guerra entre quadrilhas de traficantes. A rotina atroz dos combates passou a povoar as páginas policiais e a amedrontar os alheios, só informados pelos noticiários. As edições se esgotavam ainda cedo, a audiência dos telejornais e dos programas especializados no tema subiram muito na favela. Afora as vaidades dos bandidos, afloradas por se verem prestigiados com fama e temor, esses veículos eram rica fonte de informação. Por eles, sabia-se das suspeitas policiais e suas formas de enfrentamento. Não havia termômetro melhor para avaliar quanto a imprensa e a polícia sabiam.”

Cidade de Deus, Paulo Lins, página 364, 1ª reimpressão, Companhia de Bolso, 2009.



Dois irmãos (2000), de Milton Hatoum

Dois irmãos, de Milton Hatoum, é obra de um autor maduro, que já tinha dado provas de seu talento em romances anteriores. Esse romance tem todas as qualidades dos melhores exemplos do gênero: linguagem cuidada, intriga complexa e cativante, personagens consistentes e ampla significação. O universo de Hatoum é a Amazônia, e mais particularmente a cidade de Manaus, com seu clima, suas cores e seus odores. Entretanto, o romancista evita qualquer exotismo. Sua obra não oferece uma Amazônia para turistas, mas um lugar que mescla belezas e horrores, natureza luxuriante e extrema pobreza. O olhar do narrador é, ao mesmo tempo, nostálgico e amargo, poético e lúcido. Transcorrendo entre o período da 2ª Guerra até os anos da Ditadura Militar, o romance narra, em filigrana, a história da Amazônia e do Brasil. Ele nos leva a refletir não apenas sobre realidade brasileira, mas sobre o ser humano em geral, pois é também um livro sobre a memória e o esquecimento, a vingança e o perdão.

LEYLA PERRONE-MOISÉS é professora titular de literatura francesa na Universidade de São Paulo (USP). Também lecionou na Sorbonne e na Maison des Sciences de l'Homme de Paris. É autora de, entre outros livros, *O novo romance francês* (1966), *Falência da crítica* (1973) e *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro* (1982).

TRECHO

“O rosto crispado de Yaqub voltou-se para o irmão. Talvez fosse o momento oportuno para se engalfinharem, se esfolarem, os dois em carne viva nas nossas ventas, a minha e a de Domingas. Yaqub balbuciou umas palavras, mas Omar não o encarou: ignorou-o e subiu a escada apoiando-se no corrimão. A tosse e os passos pesados ecoaram na casa, e antes de entrar no quarto ele gritou o nome de Domingas. O tom da voz soava como ordem, mas minha mãe saiu de perto de Yaqub. Deixou o doente berrar como um louco e eu notei um sorriso demorado no rosto dela.”

Dois irmãos, de Milton Hatoum, página 146, Companhia de Bolso, 6ª reimpressão, 2006.



Minha mãe se matou sem dizer adeus (2010), de Evandro Affonso Ferreira

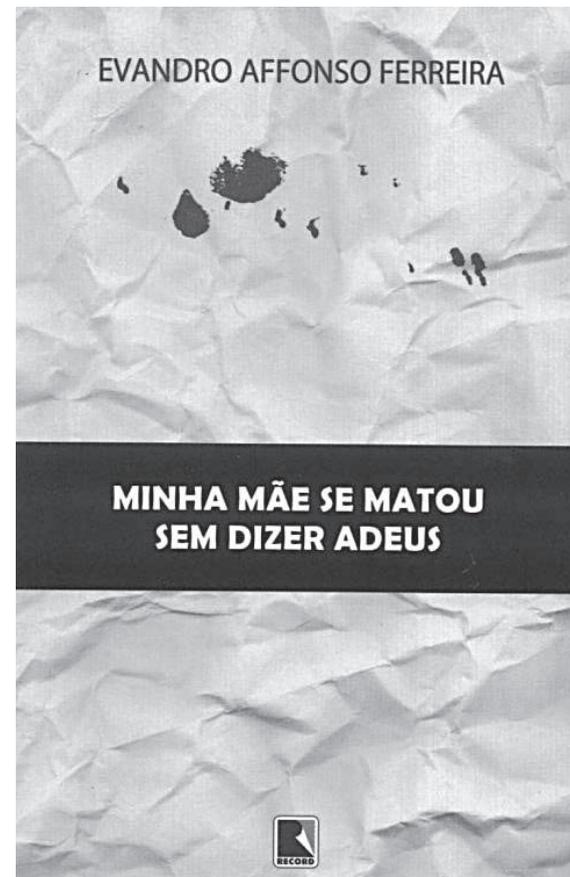
O livro marca uma decisiva virada na produção de Evandro Affonso Ferreira — como o próprio autor declararia posteriormente, nesse romance ele para de se preocupar com a vida das palavras para se concentrar na morte das pessoas, limpando sua prosa do léxico arcaizante que até então a caracterizava para se focar em questões primordiais da existência humana. O fato é que, sem perder o cuidado estilístico artesanal responsável pelas mais elevadas qualidades poéticas de sua melhor prosa, Evandro aqui abraça uma narrativa concentrada, precisa e equilibrada, sem fazer concessões nem ceder a maneirismos de estilo, pairando acima dos modismos.

IRINEU FRANCO PERPETUO é jornalista e tradutor literário. Colabora com a revista *Concerto*, *TV Cultura* e jornal *Folha de S. Paulo*, e traduziu, diretamente do russo, *Pequenas tragédias* e *Boris Godunov*, de Púchkin, *Memórias de um caçador*, de Turguêniev, e *Vida de destino*, de Vassili Grossman.

TRECHO

“É domingo. Chove choro. É choro sem lágrimas. É dor invisível feito eu. É plangência que se aquieta nas entranhas. Sou introspectivo até para sofrer. Vida toda assim: enrodilhado em mim mesmo; homem-caramujo. Ultimamente me pareço mais com homem-parede revestido de papel-palavra. Ficaria menos triste se ela minha mãe tivesse deixado pelo menos um bilhete elíptico com apenas três vocábulos: PERDÃO PRECISO PARTIR. Mas partiu sem dizer adeus. Pelo caminhar altivo da senhora quase septuagenária conduzindo bebê num carrinho desconfio que os netos chegam espargindo primavera nos avós.”

Minha mãe se matou sem dizer adeus, de Evandro Affonso Ferreira, página 37, 1ª edição, Record, 2010.



O filho eterno (2007), de Cristovão Tezza

Se a pergunta fosse qual é o melhor livro publicado nos últimos 25 anos, a resposta não teria titubeio: *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum. No entanto, a pergunta se refere aos últimos 20 anos e o medo de ser injusto é imenso. Vamos ao desafio: *O filho eterno* (2007), de Cristovão Tezza. Tendo como centro da narrativa um filho com síndrome de Down, a obra mostra como as escolhas que fazemos ao longo da vida e as adversidades que nela surgem vão, cada vez mais, delineando o que somos.

ANCO MÁRCIO TENÓRIO VIEIRA é professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

TRECHO

“E ele escreve de outras coisas, não de seu filho ou de sua vida — em nenhum momento, ao longo de mais de 20 anos, a síndrome de Down entrará no seu texto. Esse é um problema seu, ele se repete, não dos outros, e você terá de resolvê-lo sozinho. Fala muito em voz alta, e ri bastante — não será derrotado pela vergonha de seu filho, ainda que tenha de fazer uma ginástica mental a cada vez que se fala dele em público. Simular, quem sabe, que o filho não nasceu ainda — que alguma coisa vai acontecer antes que o irremediável aconteça.”

O filho eterno, de Cristovão Tezza, página 63, 10.^a edição, Record, 2010.



Passageiro do fim do dia (2010), de Rubens Figueiredo

Fiquei com alguns finalistas: Alberto Mussa, *Meu destino é ser onça*; Luiz Ruffato, *Inferno provisório*; Lourenço Mutarelli, *A arte de causar efeito sem causa*; Tatiana Salem Levy, *A chave da casa*; e ainda Cristovão Tezza, Bernardo Carvalho, Fernando Bonassi. Mas meu preferido é *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo. Um antiépico magnífico, que se passa dentro de um ônibus e em algumas horas de vida suburbana. Trama, com muito pouco, toda uma leitura da vida dos de baixo, daqueles que, nas metrópoles, apenas sofrem o mundo, sem entendê-lo nem ter como dele se defender. Se destaca por sua excelência na linguagem narrativa, com um ponto de vista externo mas identificado com o personagem principal, que se alia a um tratamento do tempo nada menos que exemplar, e a criatividade mescla da visão acanhada do mundo, de parte dos personagens, com a visão poderosamente universal de Darwin, evocado muito a propósito.

LUÍS AUGUSTO FISCHER é crítico literário e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



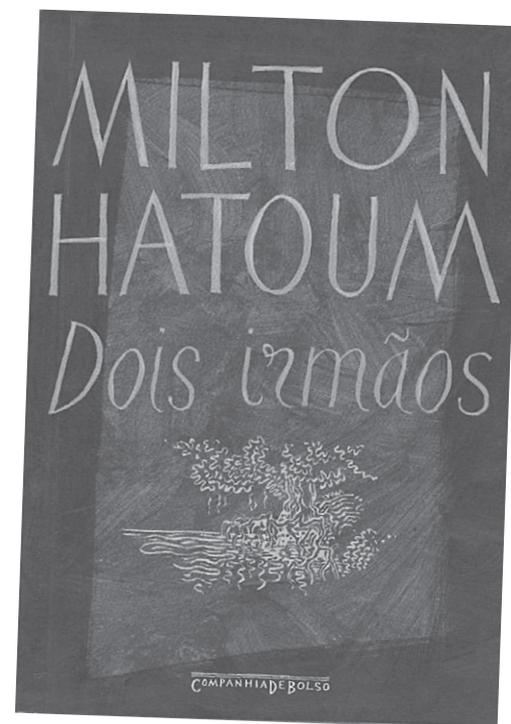
TRECHO

“Pedro quase lia os pensamentos daquela gente, já eram familiares. Mas, como na fila, no início da viagem, Pedro sentiu também que não era um deles. Sentiu aquilo com perfeita certeza e junto veio uma sensação de alívio, mas também de remorso: a sensação de uma ponta de maldade – maldade velha, repetida, que nem era dele, pessoal. E sem mais nem menos surgiu completa na sua cabeça a imagem dele mesmo na mata do Pantanal, com aquela mesma roupa que ele estava, com aquela mesma mochila onde trazia o livro sobre o Darwin.”

Passageiro do fim do dia, de Rubens Figueiredo, página 195, 1.^a reimpressão, Companhia das Letras, 2011.

Dois irmãos (2000), de Milton Hatoum

As duas últimas décadas foram prolíficas em novos autores e novas narrativas. Todavia, “década” é apenas um marco didático, que pode e deve ser ultrapassado quando se trata de literatura. Assim, prefiro indicar um livro publicado antes de começarem as “duas últimas décadas”, pois é um romance que nasceu clássico, ou seja, um texto que, mesmo datado (publicado em uma data), localizado num tempo, é atemporal. Trata-se de *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, publicado em 2000, que retoma temas já desenvolvidos em *Relato de um certo Oriente*, de 1989. Os dois romances são “dois irmãos”, pois ambos trabalham com a memória, sondando as histórias que se contam sobre o passado das personagens, membros de famílias libanesas vivendo em Manaus. Ambos constroem uma delicadíssima trama de tempos e espaços, que revisita o regionalismo, e em que surge também o tempo da história brasileira, disfarçado como tema secundário: o do processo de modernização do país, revelando as marcas da convivência de progresso e atraso, de permanência e mudança. Como disse, um clássico; ou melhor, dois clássicos.



TÂNIA PELLEGRINI é pesquisadora do CNPq e docente Senior da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

TRECHO

“Aos poucos, ela foi descobrindo que o irmão distante havia calculado o momento adequado para agir. Yaqub esperou a mãe morrer. Então, com truz de pantera, atacou. A fuga foi pior para Omar. Agora ele não tentava escapar às garras da mãe, mas ao cerco de um oficial de justiça. Pulava de jirau em jirau, pernoitava em diferentes abrigos, tetos de amigos de farra. Sabia que ia chover fogo, sabia-se emparedado. O que lhe dera na telha? Sem mais nem menos ele abandonava o esconderijo e se aventurava por aí.”

Dois irmãos, de Milton Hatoum, página 192, 6.^a reimpressão, Companhia de Bolso, 2008.

Eles eram muitos cavalos (2001), de Luiz Ruffato

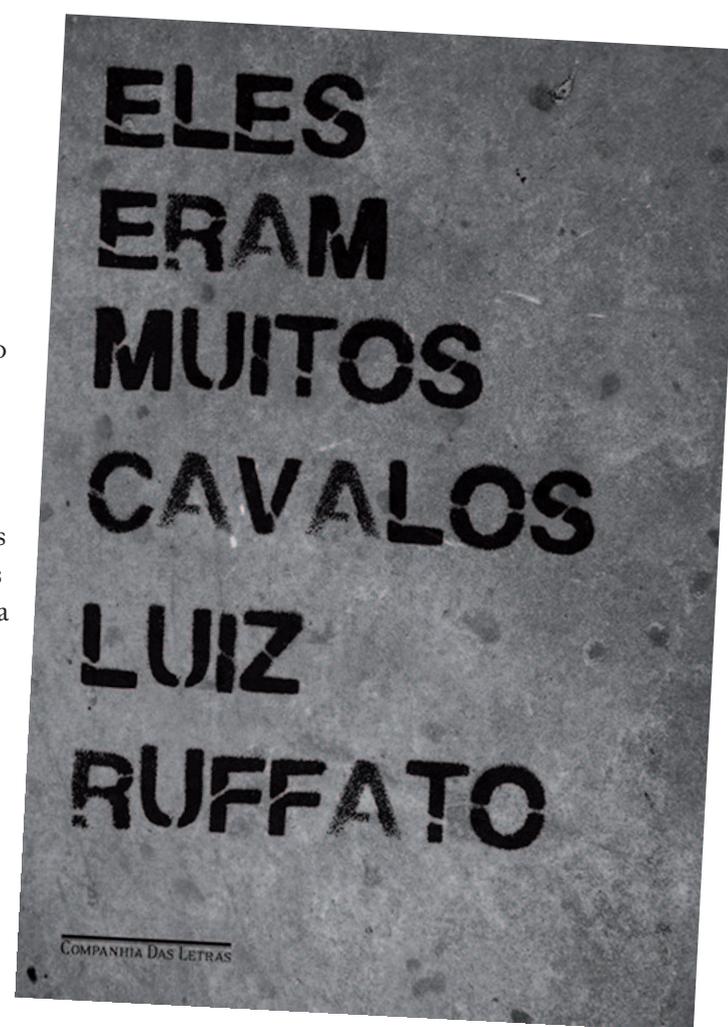
Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato (2001), é desses textos instigantes, cuja leitura nos marca intelectual e afetivamente. Em setenta fragmentos, impressos em diferentes tipos de letras e de variados formatos — diálogos, listas de livros, anúncios classificados, orações, recados de secretária eletrônica, cardápio, um retângulo preto, entre outros —, esse livro anunciou para mim (pois, sendo o terceiro livro publicado por Ruffato, foi meu primeiro contato com sua obra) um grande escritor da atualidade. Alternando ternura, raiva, esperança, doçura, violência, ingenuidade, decepção, seu texto nos dá um painel do cotidiano da cidade de São Paulo e seus moradores anônimos. Painel fragmentado e diversificado, como as grandes metrópoles, traçado com a linguagem experimental herdada das vanguardas do início do século XX e o projeto de representar dolorosas realidades da cidade contemporânea. Ganhador de vários prêmios e traduzido em diferentes línguas, *Eles eram muitos cavalos* veio para permanecer, nestes tempos voláteis e efêmeros, nas seleções dos melhores e, sobretudo, na memória de quem o lê.

ANA CLÁUDIA VIEGAS é professora de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), desenvolve pesquisa sobre a prosa brasileira contemporânea.

TRECHO

“Pensam, é fácil, mas forças não tem mais, embora seus 35 anos, boca desbanguelada, os ossos estufados os olhos, a pele ruça, arquipélago de pequenas úlceras, a cabeça zoeirenta. E lândeas explodem nos pixains encipoados das crianças e ratazanas procriam no estômago do barraco e percevejos e pulgas entrelaçam-se aos fiapos dos cobertores e baratas guerreiam nas gretas. Já pediu-implorou para a de treze ajudar, mas, rueira, some, dias e noites. Viu ela certa vez carro em carro filando trocado num farol da Avenida Francisco Morato. Quando o frio aperta, aparece.”

Eles eram muito cavalos, de Luiz Ruffato, página 22, 1.^a edição, Boitempo Editorial, 2001.



Acenos e afagos (2008), João Gilberto Noll

Tão curiosa quanto a lista das melhores obras é a oportunidade de comparar os parâmetros de escolha. O meu é explícito: a melhor obra é aquela que tira partido das convenções do gênero e, ao mesmo tempo, subverte-as. *Acenos e afagos*, João Gilberto Noll, faz — de modo brilhante — as duas coisas. Tem os ingredientes de um romance vigoroso, sobretudo o foco na complexidade identitária, nas formas de percepção de mundo, nos processos de mudança a que os sujeitos estão expostos. Mas tudo ali é convulsivo, intensamente perturbador. Categorias elementares da identidade (vivo e morto, corpóreo e incorpóreo, humano e animal, masculino e feminino, códigos de conduta individual e social) são transgredidas. O lastro realista é levado à desintegração, sem deixar de produzir, paradoxalmente, a sensação de outro tipo de realismo: sem corpos, tempos, espaços. Um (anti?) realismo da escrita (da voz?). As transformações que dilapidam a unidade do sujeito (ou a possibilidade de haver sujeito) atingem também a unidade da obra. O romanesco se desdobra e se dissolve em experiência especulativa livre, indecível, repleta de indeterminação. Aberto à radicalidade poética da linguagem, o romance não mais se reconhece como tal.

LUIS ALBERTO BRANDÃO é ficcionista e professor na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

TRECHO

“Tudo para mim chegava tarde. Se tivesse forças eu me elevaria e tentaria beijá-lo. Ele poderia estar sentindo o mesmo desejo. Vir a meu encontro e me abraçar beijando o que me restava de cabelos, enquanto eu beijaria seu pescoço e lhe lamperia o ouvido, rastejando a língua pelos exóticos labirintos da orelha. Acenaria de pijama quando meu amigo engenheiro saísse para o escritório. Na mesa cheia de lascas ele começaria os cálculos de uma nova obra. No inverno, seria melancólico ele parar para seus cálculos cedo da manhã.”

Acenos e afagos, de João Gilberto Noll, página 77, 1.^a edição, Record, 2008.



Budapeste (2003), de Chico Buarque

Como variante pós-moderna das narrativas de duplo, *Budapeste* (2003) surpreende pela abordagem do tema da identidade em trama inteligente e divertida. O relato de um *ghost writer* — duplo por definição —, que assume identidades e idiomas distintos, alternadamente, no Rio de Janeiro e em Budapeste, desafia o leitor a reorganizar o quebra-cabeça proposto pelo autor real e pelo autor ficcional, uma vez que ambos parecem escrever a mesma obra: *Budapeste/Budapest*. Em ritmo labiríntico, a narrativa se mostra escrita in actu, ao final: “... porque agora eu lia o livro ao mesmo tempo em que o livro acontecia”. Tal qual um Quixote que se sabe lido, José/Zsoze se narra e se lê ao mesmo tempo em que um outro [o autor real Chico Buarque?] o escreve. Repleto de ironia, o jogo metaficcional diz mais sobre identidade, literatura e seus duplos — os discursos que sobre elas se produziram nas últimas décadas —, do que parece sugerir à primeira vista.

SISSA JACOBY é professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

TRECHO

“E uma noite, na cama, saltei sobre Kriska, atirei o livro longe, segurei-a pelos cabelos e assim quedei, arfante. O autor do meu livro não sou eu, queria lhe dizer, mas a voz não me saía da boca, e quando saiu foi para falar: é só a ti que tenho. E Kriska sussurrou: hoje não; o menino dormia logo ali, no berço ao pé da cama, porque tinha de mamar de meia em meia hora. O autor do meu livro não sou eu, me escusei no Clube das Belas-Letras, mas todos me fizeram festa e fingiram não me ouvir, talvez porque, como se diz, eu falasse de corda em casa de enforcado.”

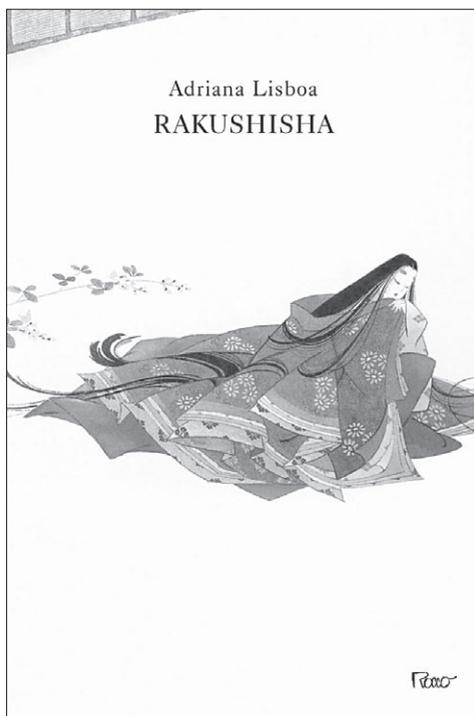
Budapeste, de Chico Buarque, página 170, 2.^a edição/ 2.^a reimpressão, Companhia das Letras, 2003.



Rakushisha (2007), de Adriana Lisboa

Com uma linguagem de alta voltagem lírica, o romance tem a sabedoria de abandonar pretensões recorrentes — e esgotadas — da nossa literatura: ser alegoria nacional, representação de minorias, manifesto geracional, “nova novidade”. Porque não é nada disso, *Rakushisha*, de Adriana Lisboa, é luva de pelica sobre antigas e recentes tradições, alimento refinado feito a partir de uma percepção singular, dedicada às minúcias, ao incompleto e ao parcial. E por isso mesmo, de altíssima qualidade. No diálogo estabelecido com a cultura japonesa e com a obra do poeta Bashô, *Rakushisha* arrisca olhar para fora, buscando conexão com realidades para além das fronteiras de uma “literatura nacional”. Não porque pretenda a universalidade, outra recorrência esgotada, mas por trabalhar entre fronteiras, e com outras tradições culturais e estéticas. Sem medo da linguagem bela, o romance é também tocado pelo olhar de uma antropologia muito melhorada, porque enriquecida de sensibilidade poética.

DANIELA BECCACCIA VERSIANI é escritora e professora de Teoria Literária na PUC-Rio



TRECHO

“Eu não nasci aqui. Não sei se você está aqui muito interessado em saber. Sou do outro lado do planeta. Pode-se dizer que vim escondida dentro da bagagem de outro pessoa. É como seu eu tivesse entrado clandestina, apesar do visto no meu passaporte. De fininho, para que não me vissem, para que não vissem as coisas invisíveis que eu trazia na mala. Que ninguém me veja ainda, que ninguém suspeite. Nesse sentido sou bem mais ocidental do que você, amigo de capa amarela. Não pertencço a este lugar.”

Rakushisha, de Adriana Lisboa, página 9, 1.ª edição, Rocco, 2007.

Ó (2008), de Nuno Ramos

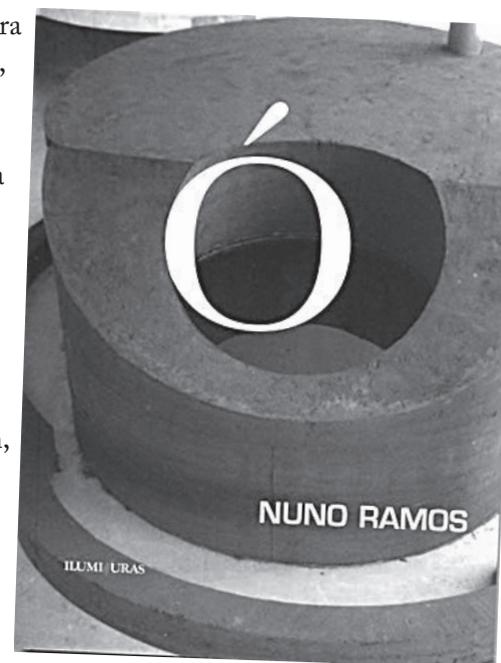
Ó, de Nuno Ramos, é um livro que cobra tempo e atenção. São 18 narrativas, 18 contos, que mesclam memórias, ensaios, invenções e falam da história de nosso tempo. Há personagens e um narrador, mas o que enfeixa e é perene são as manifestações corpóreas dos seres humanos (como se Ramos pretendesse registrar com palavras o corpo físico antes que a alma das gentes, especialmente aquilo que existe nelas de pré-verbal, de pré-linguístico). Cada conto responde a uma teoria ou pensamento, coisas como linguagem, teatro lento, comportamento em grupo, erotismo, corpo orgânico, estranhamento e envelhecimento. Cada um deles se fragmenta em outras histórias, em cantos elegíacos, criando uma radiação de fundo que dá unidade a narrativa. Há histórias que incluem sonhos terríveis e vivazes. Cada um de nós é “herdeiro, proprietário de um corpo cuja escritura foi lavrada com medo e tédio”. Nenhum leitor fica indiferente. Livro poderoso, fundamental.

AGUINALDO MEDICI SEVERINO é físico e professor, leitor que publica diariamente resenhas no blog Livros que eu li (guinamedici.blogspot.com).

TRECHO

“Nunca lembrei meus sonhos. Alguma coisa quando acordo me transporta rapidamente ao que parece contíguo a ele – fronha do travesseiro, bulas de remédio, escova de dentes – e me livra do que pesa em meu pulmão. Pois o sono para mim é nitidamente um líquido que carrego a noite toda entre o esôfago e o pulmão, como se meu tronco fosse um barco prestes a afundar, e de que me livro sonhando, caneco a caneco, jogando lentamente para fora do casco aquela miríade transparente. Das poucas vezes em que me lembrei, meus sonhos parecem desinteressantes, cômicos talvez, sugestivos de uma verdade profunda que me cansava antes de compreendê-la.”

Ó, de Nuno Ramos, página 233, 3.ª reimpressão, Iluminuras, 2008.



As visitas que hoje estamos (2012), de Antônio Geraldo Figueiredo Ferreira

Se o romance é um anti-gênero, segundo Bakhtin, Antônio G. F. Ferreira leva a questão à radicalidade. Seu *As visitas que hoje estamos* (2012) faz um reenseamento das mazelas do Brasil, com um narrador contando para um interlocutor não identificado suas penúrias. O autor dialoga com o conto, o teatro à la Nelson Rodrigues, a memória, os “causos”, a fotografia, numa espécie de variações sobre o mesmo tema e termina com uma reflexão sobre o escrever e sobre o próprio livro, um romance que explode os paradigmas e se apresenta como a grande novidade de nossa literatura recente. O que entendíamos como escrita esfarela-se diante desta obra do escritor paulista com influxos de Guimarães Rosa e Dalton Trevisan.



PAULO VENTURELLI é escritor e professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

TRECHO

“o fim da vida é muito triste, principalmente se você tem a cabeça no lugar e o corpo vai emperrando, vergando as costas, cadeiras arruinadas, nenhuma posição de conforto, as juntas todas capengas, sem girar certo a dobradiça dos ofícios, cada estalido em agulhada nos nervos que só vendo, ufa atrás de ai, pleques e treques sem azeite nos mínimos movimentos, ô, meu deus, pena não ter óleo singer pra desenferrujar velho.”

As visitas que hoje estamos, de Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira, página 10, 1.ª edição, Iluminuras, 2012.

Nihonjin (2011), de Oscar Nakasato

De saída, a pergunta é arbitrária. Ninguém leu todos os livros de contos e romances brasileiros publicados nos últimos 20 anos, mesmo aqueles mais divulgados de um modo ou de outro. Arbitrariedade por arbitrariedade, meu voto vai para *Nihonjin*, de Oscar Nakasato. É praticamente inexistente a literatura que cobre a imigração de um dos povos mais importantes para a formação do Brasil moderno: o japonês.

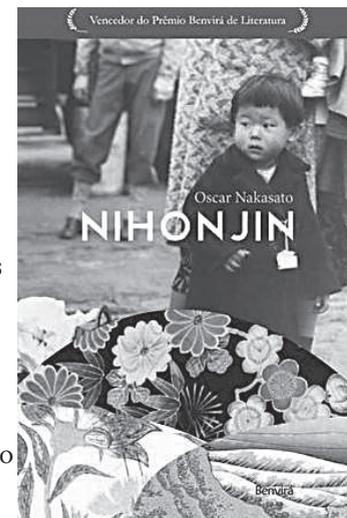
Com uma linguagem sóbria e imagens precisas sem jamais desequilibrar nem cair no perigo do didatismo — que é a morte da imaginação dos romances com fundos históricos, Nakasato reconstrói uma parcela preciosa da imigração japonesa no interior do Paraná. Mas não só. A adaptação problemática numa cultura que é decididamente sua antípoda, as pontes lançadas entre a psicologia das personagens e o entorno físico, a poesia sutil em vários momentos colocam merecidamente esse romance num lugar de destaque.

JOÃO FILHO é escritor, autor, entre outros, dos livros *Encarniçado* (2004) e *Ao longo da linha amarela* (2009) e também do *Dicionário amoroso de Salvador* (2014).

TRECHO

“Hideo deu um longo suspiro. Haruo percebeu que era inútil: os tokkotais haviam sido bem instruídos, eram ignorantes e determinados. Ele olhou o pai, que estava impassível em um canto da sala, caminhou lentamente em direção ao homem que segurava a bandeira e a adaga, levantou as mãos para pegá-las, mas, em vez de fazê-lo, empurrou-o com força e correu para a porta. Não cometeria haraquiri, não tinha feito nada de que se arrependesse ou de que se envergonhasse, não era nenhum criminoso. Morreu ainda na varanda, atingido por dois tiros disparados por dois tokkotais que estava à espreita.”

Nihonjin, de Oscar Nakasato, página 158, 1.ª edição, Benvirá, 2011.





POEMAS | JOSÉ MARINS

parecem tão novos
os túmulos dos finados –
menos as saudades

a coruja pia –
alguém proseia com quem
o medo porfia

esta gritaria
da maritaca na tarde –
onde está o gato?

o pai olhando
a foto antiga
Dia das Mães

noite de neblina
a lua de nada adianta
ao cão perdido

medito em nada
a próxima inspiração
é coisa passada

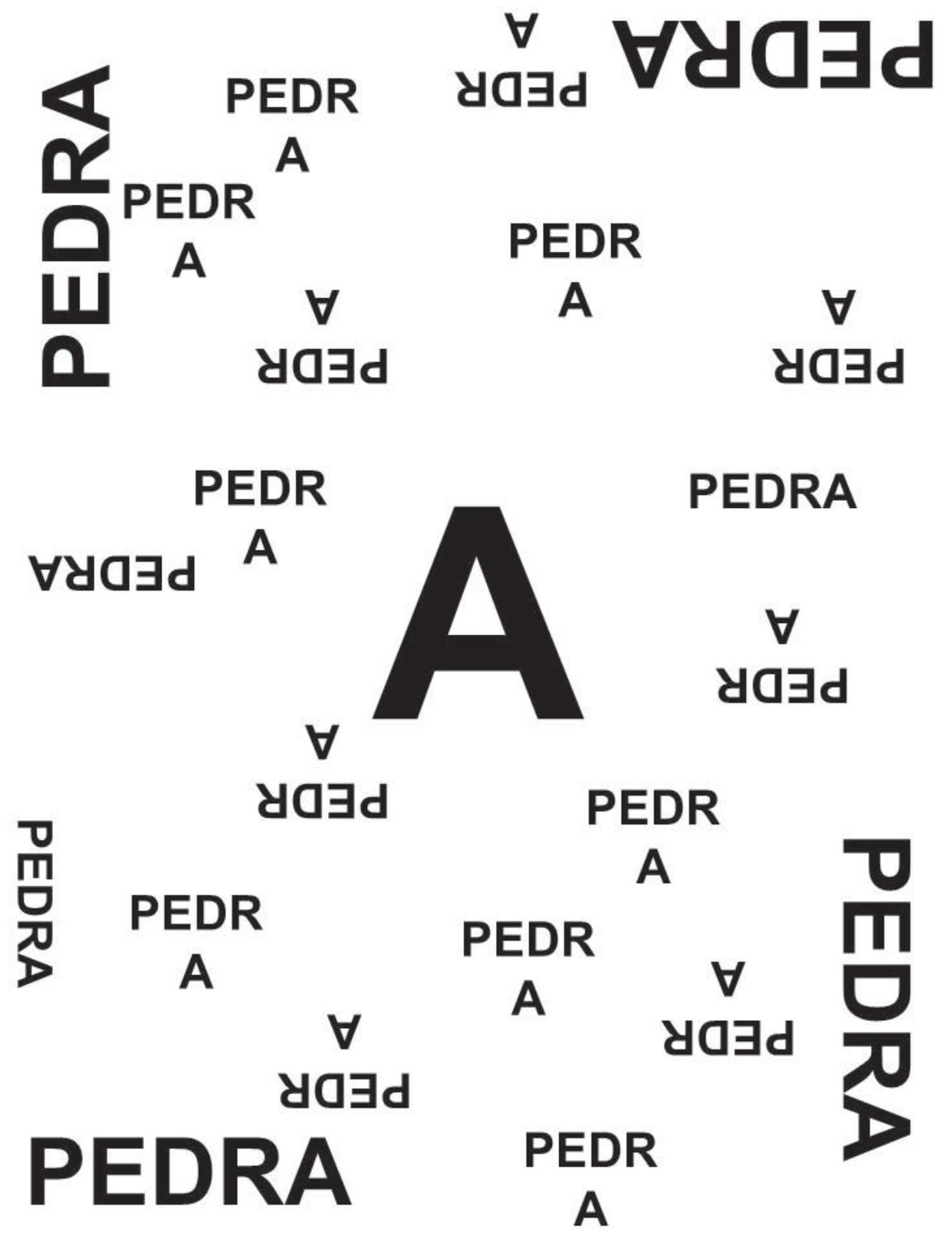
sigo devagar –
desenho no nevoeiro
as árvores nuas

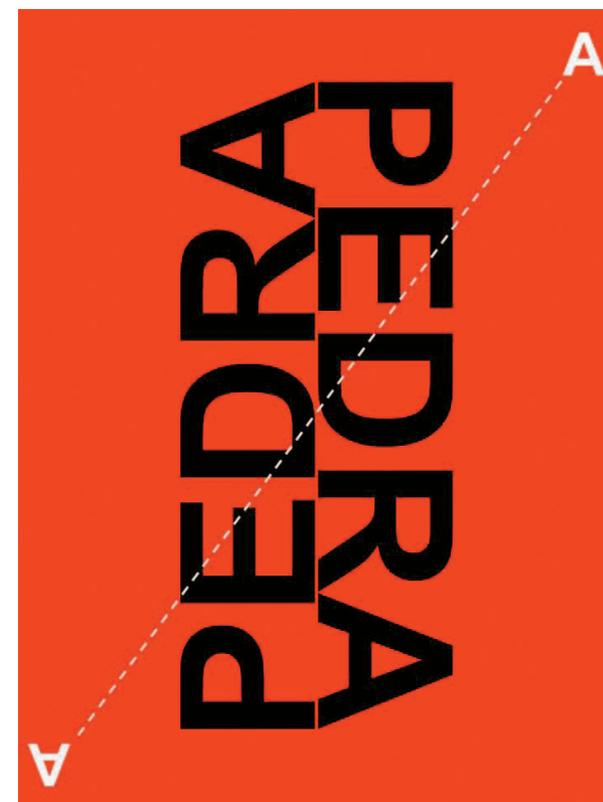
Dia do Vizinho –
será que a vizinha sabe
ser hoje o meu dia?



José Marins é poeta. Publicou, entre outros livros, as coletâneas de haicais *Poezen* (1985) e *Pinha-pinhão, pinhão-pinheiro* (2004) e os minicontos de *A brisa é você* (2010). Vive em Curitiba (PR).

POEMAS VISUAIS | SÉRGIO MONTEIRO DE ALMEIDA





 **Sérgio Monteiro de Almeida** nasceu em Curitiba, em 1964. É artista plástico e poeta visual. Participou de vários salões, mostras coletivas e individuais. Teve seu trabalho de poesia visual e experimental publicado em revistas especializadas no Brasil, EUA, Argentina, França, Inglaterra, Bélgica, Portugal e Espanha. Os trabalhos publicados pelo **Cândido** foram concebidos após um período de residência do artista nos Estados Unidos, em cidades como San Diego e Nova York. Vive em Curitiba (PR).



RETRATO DE UM ARTISTA | TRUMAN CAPOTE

O tamanho do ego de Truman Capote era proporcional ao seu talento. O escritor nascido em Nova Orleans (EUA), em 1924, tinha certeza de que era o maior escritor de seu tempo. Suas suspeitas a respeito do próprio talento seriam confirmadas quando lançou *A sangue frio* (1966), romance escrito a partir de uma notícia verídica sobre a morte bárbara de uma família de agricultores do Kansas. Capote passou boa parte da juventude escrevendo. Saiu da escola aos 17 anos para trabalhar como *officie-boy* na *The New Yorker* e conquistou reconhecimento literário aos 21 anos, com seu romance de estreia *Other voices, other rooms* (1948). O sucesso precoce fez de Capote uma celebridade, incansável frequentador de festas e colunas sociais. Esses eventos inspirariam a novela *Bonequinha de luxo* (1958), uma das obras mais populares do autor. Com uma trama linear e diálogos elaborados, o livro apresenta uma das mais carismáticas personagens americanas. Holly Golightly é uma jovem elegante, de passado misterioso, que vive em busca de *glamour*. A adaptação cinematográfica da história, com Audrey Hepburn no papel principal, consolidou a fama de Capote como um grande autor americano. Mas é com *A sangue frio* que o autor é alçado a condição de clássico. Seria o auge de Capote como escritor e personalidade pública, já que depois do estrondoso sucesso, sua carreira entrou em declínio. Capote acabaria limado da elite que tanto venerava depois que a revista *Esquire* publicou fragmentos de seu romance *Súplicas atendidas*, que continha indiscrições sobre seu círculo social. Capote morreu sem completar o livro, em 1984, em Los Angeles.



André Ducci é artista gráfico. Com formação em gravura, sua produção é voltada para os quadrinhos. É autor das ilustrações da novela *Gula de ruas sem saída*, do escritor Joca Terron. Ducci nasceu e vive em Curitiba (PR).